

Orientações Diocesanas de Pastoral



*Comunidade evangelizada
em comunhão missionária*

**Programa e Calendário Diocesano
Açores, 2018-2019**

Sumário3

1. Aprovação do Programa Pastoral Diocesano	5
2. Programa Pastoral Diocesano 2018/19	7
3. Calendário Diocesano 2018/19	24
4. Conselho Presbiteral 2018	42
5. Conselho Pastoral 2018.....	44
6. Vigararia para a Formação	47
7. Congresso Diocesano dos Jovens	50
8. Temas para a Formação do Povo de Deus	55
8.1 Igreja – Povo de Deus	58
8.2 Igreja – Corpo de Cristo	65
8.3 Igreja – Templo do Espírito Santo	73
9. Formação permanente dos presbíteros	78
10. Calendário geral.....	79

Aprovação do Programa Pastoral 2018 – 2019

«Comunidade evangelizada em comunhão missionária»

A diocese de Angra, em todos os seus membros, está chamada a sintonizar com o único objectivo da Igreja que é deixar-se evangelizar, adquirindo, deste modo, a frescura que o Evangelho oferece à vida da Igreja, a edifica na comunhão eclesial que tem o seu fundamento na Comunhão divina e que deve informar toda a vida e a missão dos discípulos de Jesus Cristo inseridos em comunidades cujos membros experimentam a unidade e promovem a corresponsabilidade e a participação.

Passados mais de cinquenta anos da celebração do Concílio Ecuménico Vaticano II e iluminados pela sua doutrina e pelo Magistério da Igreja, sente-se a necessidade de dar um novo impulso na participação de todos os cristãos na vida e na missão da Igreja.

Reconhecemos que se exige uma formação renovada e adequada para capacitar todos os cristãos para o exercício de uma caminhada comum (sinodalidade), agindo segundo o Evangelho e o discernimento pastoral que nos vem dos documentos conciliares e dos diversos Papas do Post-Concílio.

A riqueza dos ensinamentos do Papa Francisco e sobretudo o testemunho que oferece a toda a Igreja devem suscitar em todos nós, cristãos, um desejo de corresponder às exigências que a hora actual coloca à vida e à missão da Igreja. Eis o desafio que deve ser assumido pelos sacerdotes, diáconos, consagrados(as) e leigos.

Que o lema para este ano «comunidade evangelizada em comunhão missionária» oriente a caminhada da comunidade diocesana, através de cada um dos serviços diocesanos, paróquias, ouvidorias, movimentos e grupos e seja uma forte in-

terpelação para a vivência da comunhão, da unidade e de cada cristão se reconhecer membro activo na missão da Igreja.

A missão faz parte integrante da identidade de cada cristão.

Aprovamos o programa pastoral para o ano de 2018-2019.

*+ João Lavrador, Bispo de Angra
e Ilhas dos Açores*

Introdução ao Programa
Pastoral Diocesano 2018/19
«Comunidade evangelizada em comunhão missionária»

A Diocese, tal como todas as comunidades cristãs, paróquias, movimentos e grupos eclesiais, periodicamente deverão aprofundar o seu ser e a sua missão.

Passados mais de cinquenta anos da celebração do Concílio Ecuménico Vaticano II e com um riquíssimo Magistério Pontifício no post concílio, ajudados pela celebração de variados sínodos de Bispos e de inúmeras iniciativas pastorais de recepção do Concílio a nível da diocese, de Ouvidoria e de paróquia, sente-se a necessidade de equacionarmos a vitalidade e a adequada resposta evangelizadora por parte de todos os cristãos da nossa diocese.

A Igreja reconhece que a sua missão é testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo no meio do mundo.

O Papa Paulo VI referindo-se à missão evangelizadora da Igreja afirma que «evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade» (EN, 14). E, acrescenta-se que «Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição» (Ib., 14).

Prossegue ainda o referido Papa sublinhando que «evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma». De facto, «comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor» (Ib., 15).

Evangelizada, a Igreja é igualmente enviada a evangelizar.

Na verdade, «enviada e evangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores» (Ib., 15). Aliás, «é ela que coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar»(Ib., 15).

Há algo de fundamental a acrescentar e diz respeito à fidelidade quanto à mensagem. Assim é enviada a pregar, «não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade» (Ib., 15).

S. João Paulo II exortou à urgência de encetar uma nova evangelização. Diz ele: «Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda, capaz de converter tais tradições numa força de liberdade autêntica» (ChL, 34).

E, acrescenta-se referindo que «é urgente, sem dúvida, refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana» (Ib, 34). E, olhando para vastas regiões e países em profundo secularismo, apresenta-se o caminho sublinhando que «a condição é a de se refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais que vivem nesses países e nessas nações» (Ib., 34).

Interpela-se fortemente a Igreja de hoje ao dizer que «esta nova evangelização, dirigida, não apenas aos indivíduos mas a inteiras faixas de população, nas suas diversas situações, ambientes e culturas, tem por fim formar comunidades eclesiais maduras, onde, a fé desabroche e realize todo o seu significado originário de adesão à pessoa de Cristo e ao Seu Evangelho, de encontro e de comunhão sacramental com Ele, de existência vivida na caridade e no serviço» (Ib., 34).

Já o Papa Francisco convidando a um renovado encontro

com Jesus Cristo realça que «sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo actual» (EG., 11). Aliás, «na realidade, toda a acção evangelizadora autêntica é sempre “nova”» (Ib., 11).

Importa reflectir empenhadamente, em toda a nossa Igreja diocesana, incluindo todos os baptizados, sacerdotes, diáconos, religiosos(as), consagrados e leigos, sobre a responsabilidade comum de evangelizar o mundo de hoje.

Porém não podemos esquecer que a força, a criatividade e a frescura da evangelização nos vem do encontro com Jesus Cristo. É isto mesmo que, dirigindo-se à Igreja, nos diz Paulo VI quando refere que «ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho» (EN, 15).

Vejamos, entretanto, algumas notas que nos são oferecidas pelo Concílio Ecuménico Vaticano II para uma actualização da missão evangelizadora.

1. Todo o Povo de Deus é chamado a Evangelizar

A primordial consciência de sermos Povo de Deus que, pelo baptismo, constituídos em sacerdotes, profetas e servidores, e, deste modo, testemunhas do Evangelho, é fundamental para que a missão da Igreja seja adequada às exigências do tempo em que vivemos e à realidade da Igreja que somos chamados a ser.

De facto, «os que crêem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5-6), são finalmente constituídos em “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo,

mas agora é povo de Deus” (1 Ped. 2, 9-10)» (LG, 9).

Segundo o pensamento conciliar faz parte da condição deste novo Povo de Deus «a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo» (LG, 9). Mais ainda, «a sua lei é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou (cfr. Jo. 13,34)» (Ib., 9). E, adianta-se que «por último, tem por fim o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve desenvolver até ser também por ele consumado no fim dos séculos, quando Cristo, nossa vida, aparecer (cfr. Col. 3,4) e “a própria criação for liberta do domínio da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rom. 8,21)» (Ib., 9).

Na verdade, reconhece-se que «este povo messiânico, ainda que não abranja de facto todos os homens, e não poucas vezes apareça como um pequeno rebanho, é, contudo, para todo o género humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação» (Ib., 9).

De facto, «estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado a toda a parte como luz do mundo e sal da terra (cfr. Mt. 5, 13-16)».

É urgente retomarmos, a nível de Igreja diocesana, a consciência de Povo de Deus que vive na comunhão e que reconhece a exigência da missão.

Aparentemente parece estarmos perante algo de teórico, quando a maioria dos nossos fiéis se limita a reproduzir as acções do passado e a recorrer aos serviços religiosos prestados pelos «sacerdotes». Por isso, se pretendemos renovar a acção das nossas comunidades e dar-lhe nova expressão com capacidade para uma nova evangelização, teremos forçosamente de aprofundar a consciência de Povo de Deus que deve caminhar na experiência da comunhão, da unidade, e da missão partilhada.

2. Povo de Deus que vive a comunhão

A eclesiologia de comunhão é o princípio central e fundamental da reflexão conciliar. De facto, «a comunhão dos cristãos com Jesus tem por modelo, fonte e meta a mesma comunhão do Filho com o Pai no dom do Espírito Santo: unidos ao Filho no vínculo amoroso do Espírito, os cristãos estão unidos ao Pai» (ChL, 18).

A primeira de todas as tarefas a realizar na comunidade diocesana é formar para a comunhão. Na verdade, a Igreja coloca as suas raízes e alicerça-se na comunhão Trinitária e é d'Ela que se alimenta de tal modo que os frutos que produz devem fazer transparecer a comunhão.

Percorrendo o Novo Testamento e de modo muito particular o modelo da Igreja nascente tal como nos é descrita nos Actos dos Apóstolos, transparece nitidamente a consciência de ser Igreja em comunhão. Mais ainda, a evangelização tem no contexto da comunhão a capacidade de penetrar no mundo sedento de amor e de unidade.

Deste modo, «a realidade da Igreja-Comunhão é, pois, parte integrante, representa mesmo o conteúdo central do “mistério”, ou seja, do plano divino da salvação da humanidade» (ChL, 19).

Isto implica não entender a comunhão tão só como categoria sociológica ou psicológica, mas, sobretudo reconhecer que «a Igreja-Comunhão é o povo “novo”, o povo “messiânico”, o povo que “tem por cabeça Cristo ... por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus... por lei o novo mandamento de amar como o próprio Cristo nos amou... por fim o Reino de Deus... (e é) constituído por Cristo numa comunhão de vida, de caridade e de verdade» (Ib., 19).

Realmente, «os laços que unem os membros do novo Povo entre si — e antes de mais com Cristo — não são os da “carne” e do “sangue”, mas os do espírito, mais precisamente, os

do Espírito Santo, que todos os batizados recebem (cf. Jl 3, 1)» (Ib., 19).

Todos os batizados, pela união do Espírito Santo, participantes da comunhão em Cristo são chamados a viverem a mesma comunhão fraterna na sua vida comunitária.

O Papa Francisco acrescenta à comunhão eclesial o seu dinamismo missionário quando refere que «a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”» (EG, 23). Aliás, «fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (Ib., 23). Realmente, «a alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém» (Ib., 23).

Dadas as circunstâncias da nossa sociedade e da cultura actual caracterizadas pelo individualismo e pela exaltação da liberdade individual, corroendo deste modo a verdadeira comunhão e unidade, exige-se um esforço pastoral que promova a autêntica comunhão e a vivência comunitária, alicerçadas na centralidade da Eucaristia.

3 . Povo de Deus que partilha a diversidade de carismas e ministérios

S. João Paulo II define a comunhão eclesial como comunhão orgânica na diversidade e complementaridade. De facto, «a comunhão eclesial configura-se, mais precisamente, como uma comunhão “orgânica”, análoga à de um corpo vivo e operante: ela, de facto, caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades» (ChL, 20). E, acrescenta-se que «graças a essa diversidade e complementaridade, cada fiel leigo encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo» (Ib., 20).

Importa recordar as palavras do Papa Francisco que nos interpelam dizendo que «a evangelização é dever da Igreja».

Quando fala da Igreja é de todos os baptizados, discípulos de Jesus Cristo, tanto ministros ordenados, como consagrados e leigos. Assim, «este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus» (EG,111).

De facto, «trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional» (Ib. 111). Daí que nos desafia o Papa, apresentando-nos a sua proposta que nos convida a que «nos detenhamos um pouco nesta forma de compreender a Igreja, que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus» (Ib. 111).

Especifica, então, referindo que «a Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus». Em todos os seus membros, «através da sua acção evangelizadora, ela colabora como instrumento da graça divina, que opera incessantemente para além de toda e qualquer possível supervisão» (Ib. 112).

E, acrescenta-se realçando que «esta salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos, e Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos» (Ib. 113). Daí sublinhar-se que escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados; e ainda, que ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Na verdade, «Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe» (Ib. 113).

Caminhar na promoção dos carismas e ministério no interior da comunidade cristã exige reconhecer que «em todos os baptizados, desde o primeiro ao último, actua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar» (Ib., 119).

O grande agente da evangelização que promove a comunhão na diversidade é a acção do Espírito Santo. Afirma-o o Papa Francisco quando diz que «a diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade» (Ib., 131).

Na verdade, «o povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível «in credendo», ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicar a sua fé» (Ib. 119). Conscientes de que o Espírito guia-o na verdade e condu-lo à salvação, reconhecemos que «como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus» (Ib, 119).

Como refere o Papa Francisco «em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário» (Ib., 120).

4. Povo de Deus na participação e corresponsabilidade

Edificar a comunhão entre todos os membros da comunidade cristã valoriza e promove a sua participação e a corresponsabilidade na vida e na missão da Igreja.

Lembremos as exigências que a Igreja coloca na participação de todos os fiéis na vida da Igreja através dos organismos de participação e corresponsabilidade: os conselhos pastorais e económicos.

Não se trata de algo accidental ou secundário que poderia ficar ao arbítrio de cada responsável. Muito pelo contrário, é um direito e dever de cada cristão que revele as capacidades necessárias para cumprir esta missão.

Devemos advertir que estaria prejudicada a missão evangelizadora da Igreja que não se abraisse à comunhão, à parti-

cipação e à corresponsabilidade de todos os seus fiéis, sejam ministros ordenados, consagrados e leigos.

Ilumina-nos nesta nossa caminhada evangelizadora com a participação de todos os fiéis batizados as palavras de S. Paulo II que recordando o Sínodo dos Bispos sobre os leigos afirma que «o recente Sínodo pediu, nesse sentido, que se favorecesse a criação dos Conselhos Pastorais diocesanos, a que se deveria recorrer conforme as oportunidades» (ChL, 25). Especifica-se referindo que «trata-se, na verdade, da principal forma de colaboração e de diálogo, bem como de discernimento, a nível diocesano» (Ib. 25).

De facto, «a participação dos fiéis leigos nestes Conselhos poderá aumentar o recurso à consulta, e o princípio da colaboração — que em determinados casos também é de decisão — e encontrará uma aplicação mais vasta e mais incisiva» (ChL, 25).

E, acrescenta-se sublinhando que «a participação dos fiéis leigos nos Sínodos diocesanos e nos Concílios particulares, provinciais ou plenários, está contemplada no Código de Direito Canónico; poderá contribuir para a comunhão e para a missão eclesial da Igreja particular, tanto no seu próprio âmbito, como em relação com as demais Igrejas particulares da Província eclesiástica ou da Conferência Episcopal» (Ib. 25).

E desafia as Conferências Episcopais de modo a que estas sejam «chamadas a descobrir a forma mais oportuna de desenvolver, a nível nacional ou regional, a consulta e a colaboração dos fiéis leigos, homens e mulheres: assim se poderão examinar bem os problemas comuns e melhor se manifestará a comunhão eclesial de todos» (Ib. 25).

Ao referir-se à paróquia, embora à sua dimensão, as exigências são as mesmas. Segundo o Papa S. João Paulo II, «a Paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois ela é uma comunidade eucarística» (Ib., 26).

Clarifica, então, afirmando que «isso significa que ela é

uma comunidade idónea para celebrar a Eucaristia, na qual se situam a raiz viva do seu edificar-se e o vínculo sacramental do seu estar em plena comunhão com toda a Igreja» (Ib. 26).

Na verdade, «essa idoneidade mergulha no facto de a Paróquia ser uma comunidade de fé e uma comunidade orgânica, isto é, constituída pelos ministros ordenados e pelos outros cristãos, na qual o pároco — que representa o Bispo diocesano — é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular» (Ib. 26).

Dirigindo-se aos Bispos, o Papa Francisco convida a que «na sua missão de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária, deverá estimular e procurar o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo Código de Direito Canónico e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos» (EG, 31).

Daí que no âmbito da paróquia se promova a corresponsabilidade de todos os membros da comunidade cristã através da valorização dos respectivos organismos de participação.

Neste contexto devemos encetar decididamente a promoção de comunidades inteiramente ministeriais, nas quais se valorizem as diversas vocações e ministérios, sejam ordenados, de consagração e laicais.

5. Povo de Deus em formação permanente

A formação cristã é uma exigência fundamental para caminhar em comunidades cristãs que se edificam a partir da participação e corresponsabilidade de todos os cristãos.

Dirigindo-se aos leigos, a *Christifideles Laici*, afirma que «a formação dos fiéis leigos deverá figurar entre as prioridades da Diocese e ser colocada nos programas de acção pastoral, de modo que todos os esforços da comunidade (sacerdotes, leigos e religiosos) possam convergir para esse fim» (ChL, 57).

Atendendo a esta exigência, os diversos sectores da vida

pastoral diocesana têm oferecido um conjunto de iniciativas de formação. Agora, sentindo a necessidade de maior coordenação e de maior exigência foi criada a Vigararia Episcopal para a Formação Cristã e foi reactivado o Instituto Católico de Cultura.

Por decisão do Conselho Presbiteral irão ser instaladas as «escolas de formação cristã» em cada Ouvidoria.

Poderíamos dizer que as estruturas estão criadas mas também reconhecemos que se torna necessário o empenho de todos os cristãos para que se torne efectiva e com resultados efectivos na diocese e nas paróquias.

Se «a formação dos fiéis leigos tem como objectivo fundamental a descoberta cada vez mais clara da própria vocação e a disponibilidade cada vez maior para vivê-la no cumprimento da própria missão» (ChL, 58), ela deve atingir a todos, sacerdotes, consagrados e leigos, para se manifestar efectivamente a comunhão, a participação e a corresponsabilidade de todos os membros da comunidade cristã.

Esta formação deve ser integral e atender às dimensões espirituais, doutrinal, moral, valores humanos, presença na sociedade, na cultura e relação da Igreja com o mundo. De facto, cada cristão deve ter consciência que «ao amadurecer a síntese orgânica da sua vida, que, simultaneamente, é expressão da unidade do seu ser e condição para o cumprimento eficaz da sua missão» (Ib. 60).

O Papa Francisco, valorizando o papel evangelizador da Paróquia refere que esta «é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (EG, 28).

Aliás, «através de todas as suas actividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização» (Ib. 28). Para tal, ela deve considerar-se «co-

munidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário» (Ib. 28). Porém, deveremos «reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-as completamente para a missão» (Ib. 28).

É também o Papa Francisco a desafiar as comunidades paroquiais a uma renovação profunda de modo a que se tornem aptas à evangelização do mundo de hoje e não à sua perseveração.

É este o trabalho de renovação, de refontalização e de auscultação do que o Espírito Santo pede à nossa Igreja diocesana e paroquial para que se lance verdadeiramente na missão evangelizadora.

6. Povo de Deus inteiramente missionário

A insistência de que a missão da Igreja é tarefa de cada um e de cada comunidade cristã tem despertado os fiéis cristãos para a palavra de Jesus Cristo que convida os Seus discípulos para serem continuadores da Sua missão de testemunharem a Boa Notícia da Salvação no meio do mundo e, por isso, o reconhecimento que a missão evangelizadora faz parte do ser de cada baptizado.

O Papa Francisco recorda-nos que «a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (EG, 21).

Sentem-na os discípulos da primeira hora e todos os baptizados que se encontram com Jesus Cristo e que se experimenta na esperança de sentir que o Evangelho está a frutificar mas que exige sempre «a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além» (Ib., 21).

Por isso, «fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo»(Ib., 23). Na verdade, «a alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém»(Ib., 23).

Ao colocar-se numa actitude missionária exige-se de cada cristão e de cada comunidade que reconheça que «a pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: “fez-se sempre assim”»(Ib. 33).

Daí o convite do Papa Francisco a que sejamos ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objectivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.

Como afirma o Papa Francisco, «se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há-de chegar a todos, sem excepção», então, eis o seu exigente convite ao interpelar dizendo que «saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo» (Ib. 49).

Na verdade, o Espírito Santo actua em todos os discípulos de Jesus Cristo e habilita-os para a evangelização. Deste modo, «em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19)» Ib., 120).

Na verdade, «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções» (Ib.120).

Eis o caminho a percorrer por todos os baptizados da nossa diocese, em cada uma das comunidades cristãs e na presença dos cristãos no meio do mundo de modo a que o Evangelho de Jesus Cristo seja testemunhado a todas as pessoas sem excepção.

7. O chamamento à santidade

Ao referirmo-nos à Igreja como mistério de comunhão, ao reconhecermos que a nova evangelização do mundo de hoje é tarefa de todos os cristãos, não poderemos deixar de referir a exigência da santidade como a primeira e universal vocação de todos os baptizados.

O Concílio Vaticano II refere-se à santidade dizendo que «todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade» (LG, 39). E, ainda, acrescenta-se que «todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai celeste e cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria actividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo» (Ib., 41).

Poderíamos percorrer muitos documentos do Magistério da Igreja onde se refere a exigência da santidade como o fundamento para a acção evangelização da Igreja. Nada poderá ser tão eficiente na missão da Igreja do que o testemunho da santidade.

Para o Papa Francisco «a santidade é o rosto mais belo da Igreja» (GE, 9). Esta constatação «deveria entusiasmar e animar cada um a dar o melhor de si mesmo para crescer rumo àquele projecto, único e irrepetível, que Deus quis, desde toda a eternidade, para ele» (Ib.13).

O cristão deve conceber a sua missão como caminho de santidade. Na verdade, «cada santo é uma missão; é um projecto do Pai que visa reflectir e encarnar, num momento determinado da história, um aspecto do Evangelho» (Ib. 19).

De facto, «esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir d'Ele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida» (Ib, 20).

Segundo a exortação do Papa Francisco, unindo a oração,

a interioridade e acção missionária, refere-se que «precisamos dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor» (Ib., 31).

Reconhecemos, deste modo que «desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação» (Ib., 31).

Tal como adverte o santo Padre, não tenhamos medo de caminhar na santidade. Ponhamos os ideais altos que a santidade aponta e vivamos a esperança e a força evangelizadora que ela motiva. A fecundidade da missão evangelizadora dos discípulos de Jesus Cristo no meio do mundo está relacionada com a aventura da santidade.

A santidade tem uma implicação comunitária. Cada comunidade deve ser o espaço de crescimento na santidade e cada cristão deve oferecer à comunidade o seu caminho de comunhão com Deus que deve traduzir-se sempre numa integração comunitária mais profunda.

Proposta Pastoral:

1. A nível Paroquial

1.1. promover os conselhos pastorais e económicos de modo a viverem a corresponsabilidade e participação na vida e missão da Igreja.

1.2. Implementar a formação dos membros do Conselho Pastoral com o itinerário de formação a eles detinado.

1.3. promover actividades que envolvam os afastados da vivência cristã e participação na comunidade paroquial.

1.4. proporcionar maior integração dos jovens e dos movimentos apostólicos para uma renovada acção pastoral.

2. A nível de Ouvidoria

2.1. criar a escola de formação cristã.

2.2. aplicar o plano de formação para o clero da Ouvidoria.

2.3. desenvolver acções de sensibilização para a formação cristã.

2.4. calendarizar algumas acções que valorizem o diálogo da fé cristã com os meios profissionais, culturais e associativos

Serviços Pastorais:

Pastoral Social

Encontro de todas as instituições que trabalham no domínio da pastoral social – Conselho da Pastoral Social

Encontro dos intervenientes na plataforma de diálogo social (organismos da promoção social do Governo Regional e serviço pastoral social)

Realização do I Encontro Regional da Pastoral Social

Pastoral da Família

Continuar com a promoção de equipas de pastoral familiar em cada paróquia/ouvidoria

Dar cumprimento ao pedido dos jovens de maior acompanhamento no seu percurso humano e espiritual e proporcionar momentos de reflexão em família

Atenção privilegiada às situações de fragilidade familiar

Pastoral de Jovens

Aplicação nas paróquias, nos movimentos e nos grupos das conclusões do I Congresso Diocesano de jovens e do sínodo dos Bispos sobre os jovens

Integração dos jovens nos organismos de corresponsabilidade e de participação na paróquia

Desenvolver algumas acções pastorais dedicadas aos jovens

Promover o voluntariado

Pastoral Vocacional

Fomentar a cultura vocacional nas diversas paróquias e movimentos

Valorizar o pré-seminário nos três centros, em cada uma das Vigararias Pastorais

Realizar acções de despertar vocacional, nomeadamente na semana dos seminários e na semana das vocações.

Relação da pastoral vocacional com a pastoral juvenil, escolar e catequese paroquial

Pastoral Escolar

Promover o encontro entre a pastoral escolar e as comunidades paroquiais

Proporcionar acções de encontro entre a pastoral escolar e outras áreas de leccionação na escola

Promover espaços de debate sobre questões que interliguem a fé e a cultura

Promover acções de apoio e sensibilização para a frequência escolar de todas as crianças e jovens em idade escolar.

Estabelecer o contacto com a pastoral juvenil

Calendário Diocesano 2018/2019

- 01 – Sábado** - Festas do Senhor Santo Cristo – Caldeira – São Jorge (1-3)
- 02 – Domingo** -
- 03 – Segunda Feira** - Simpósio do Clero – Fátima (03 – 06)
- 04 – Terça Feira** - Encontro Nacional de Pastoral Social (04-06) - Fátima
- 05 – Quarta Feira** -
- 06 – Quinta Feira** -
- 07 – Sexta Feira** -
- 09 – Domingo** -
- 10 – Segunda Feira** -
- 11 – Terça Feira** - Apresentação do Programa Pastoral – Vigararia do Ocidente – Madalena
- 12 – Quarta feira** - Apresentação do Programa Pastoral – Vigararia do Centro – Seminário de Angra
- 13 – Quinta feira** - Apresentação do Programa Pastoral – Vigararia Nascente – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
– Encontro do CPM e Pastoral da Família no CP Pio XII
- 14 – Sexta Feira** - Festa nas Paróquias dedicadas a Santa Cruz
– Abertura das pré-inscrições para o Curso Geral de Catequese – Terceira
- 15 – Sábado** – Jornadas Missionárias (15-16) Fátima
– Encontro do CPM e Pastoral da Família no CP Pio XII - Ponta Delgada
- 16 – Domingo** - Visita Pastoral à Ouvidoria da Ribeira Grande (17-20)
- 17 – Segunda Feira** -
- 18 – Terça Feira** -
- 19 – Quarta Feira** - Início do ano letivo no Seminário de Angra
– Congresso Internacional de Catequese – Roma (19-24)

- 20 – Quinta Feira -**
- 21 – Sexta Feira -** 300 anos do voto de São Mateus do Pico
- 22 – Sábado -**
- 23 – Domingo -**
- 24 – Segunda Feira -**
- 25 – Terça Feira -** Conselho Episcopal – Angra
 - Celebração de abertura do ano lectivo no Seminário de Angra
- 26 – Quarta Feira -**
- 27 – Quinta Feira -** Jornadas Nacionais de Comunicação Social – Fátima (27-28)
- 28 – Sexta Feira -**
- 29 – Sábado -** Encontro Matrimonial na Igreja dos Bairros Novos – Ponta Delgada
 - Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
- 30 – Domingo -**

Outubro

- 01 – Segunda Feira –** Curso de sensibilização para novos Catequistas para as Ouvidorias de Vera Cruz, Povoação, Nordeste e Vila Franca do Campo – Salão de S. Miguel Arcanjo em Vila Franca (1-2)
- 02 – Terça Feira -** Curso de sensibilização para novos Catequistas para as Ouvidorias de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Capelas e Lagoa no Centro Pastoral Pio XII (2-3)
- 03 – Quarta Feira -** Sínodo dos Jovens (3-28)
 - Vigília de Oração dos Religiosos do Centro – Angra
- 04 – Quinta Feira -** Festa de São Francisco de Assis – Família Franciscana
- 05 – Sexta Feira -** Encontro de delegados da pastoral juvenil – Centro Pastoral Pio XII, Ponta Delgada
 - Romaria da Legião de Maria
 - Reencontro para Cursilhistas – Santa Catarina, Angra (5-7)

- 06 – Sábado -**
- 07 – Domingo -**
- 08 – Segunda Feira -**
- 09 – Terça Feira -**
- 10 – Quarta Feira -** Encontro de Pastoral de Saúde Mental – Ponta Delgada
 – Celebração de Abertura do ano da pastoral universitária – Ponta Delgada
- 11 – Quinta Feira -**
- 12 – Sexta Feira -**
- 13 – Sábado -**
- 14 – Domingo -** Apresentação do plano de atividades dos Religiosos da Vigaria Nascente – Ponta Delgada
- 15 – Segunda Feira -**
- 16 – Terça Feira -** Aniversário da Dedicção da Igreja Catedral
 – Visita Pastoral à Ouvidoria do Nordeste (16 – 26)
- 17 – Quarta Feira -**
- 18 – Quinta Feira -** S. Lucas. Dia dos Bens Patrimoniais da Igreja
- 19 – Sexta Feira –** Animadores do Encontro Matrimonial na Igreja dos Bairros Novos – Ponta Delgada
- 20 – Sábado -** Vigília das Missões - Rabo de Peixe
 – Jornadas Nacionais da Pastoral Familiar – Fátima
 – Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
- 21 – Domingo -** Semana Nacional da Educação Cristã (21-28)
 – Dia das Missões. Início do Ano Missionário
 – I Conferencia no âmbito dos 60 anos do Santuário do Senhor Santo Cristo – Ponta Delgada
 – Assembleia Geral e encontro de responsáveis do Movimento dos Romeiros na Escola Secundária da Lagoa
 – Participação e animação dos Religiosos na Eucaristia em Rabo de Peixe

- 22 – Segunda Feira -**
- 23 – Terça Feira -**
- 24 – Quarta Feira -**
- 25 – Quinta Feira -** Cursilho de Homens – Angra (25-28)
- 26 – Sexta Feira -** Jornada Diocesana da Comunicação Social – Ponta Delgada - (C. P. Pio XII)
 - Jornadas Nacionais de Catequese (26-28) Fátima
- 27 – Sábado -**
- 28 – Domingo -** Dedicção da nova Igreja do Salão – Faial
- 29 – Segunda Feira -**
- 30 – Terça Feira -** Encontro dos Padres mais novos – Seminário de Angra
- 31 – Quarta Feira -**

Novembro

- 01 – Quinta Feira -** Todos os Santos
 - Ordenação Diaconal e Instituição no Ministério de Leitor, Sé de Angra
 - Encontro dos Religiosos da Ouvidoria de Ponta Delgada no Colégio de S. Francisco Xavier
 - Cursilho de Mulheres – Angra (1-4)
- 02 – Sexta Feira -** Fiéis Defuntos
 - Congresso Internacional Repensar Portugal, a Europa e a Globalização – 100 anos do Padre Manuel Antunes, s.j. – Lisboa (2-6)
- 03 – Sábado -** Aniversário da Criação da Diocese (1534)
 - Festa da Família promovida pelo Encontro Matrimonial na Paróquia da Relva
- 04 – Domingo -** Dia da Igreja Diocesana
- 05 – Segunda Feira -**
- 06 – Terça Feira -** Abertura do Curso Geral de Catequistas –Terceira
- 07 – Quarta Feira -**
- 08 – Quinta Feira -**
- 09 – Sexta Feira -** Aniversário da fundação do Seminário
- 10 – Sábado -** Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII

- 11 – Domingo** - Semana dos Seminários (11 – 18)
- 12 – Segunda Feira** - Curso de Iniciação para catequistas – Flores
– Retiro para sacerdotes organizado pelos Padres do Prado – Fátima (12-16)
- 13 – Terça Feira** -
- 14 – Quarta Feira** -
- 15 – Quinta Feira** - Ação de formação para agentes da Pastoral Social – CP Pio XII
- 16 – Sexta Feira** -
- 17 – Sábado** -
- 18 – Domingo** - Domingo do Pobre
– Dia do Catequista da Ilha de S. Miguel - Maia
- 19 – Segunda Feira** - Semana Bíblica de São Miguel (19- 23)
– Vila Franca do Campo
– Assembleia geral da CIRP (Religiosos) – Fátima (19-20)
- 20 – Terça Feira** - Visita Pastoral às Flores (II) – (20 -25)
- 21 – Quarta Feira** -
- 22 – Quinta Feira** -
- 23 – Sexta Feira** -
- 24 – Sábado** -
- 25 – Domingo** - Solenidade de Cristo Rei
– II Conferencia no âmbito dos 60 anos do Santuário do Senhor Santo Cristo – Ponta Delgada
- 26 – Segunda Feira** -
- 27 – Terça Feira** - Visita Pastoral à Ouvidoria da Ribeira Grande (27 - 2)
- 28 – Quarta Feira** -
- 29 – Quinta Feira** -
- 30 – Sexta Feira** -

Dezembro

- 01 – Sábado** - Beata Maria Clara do Menino Jesus (IFHIC)

02 – Domingo - Encontro de Reflexão de Advento para os Religiosos da Vigararia Nascente - Centro Missionário (Dehonianos)

– Recolecção do Advento para Catequistas da Teceira – Porto Judeu

03 – Segunda Feira - Recolecção de Advento – Clero da Vigararia do Nascente – Centro Pastoral Pio XII

04 – Terça Feira - Recolecção de Advento – Clero da Vigararia do Centro – Seminário de Angra

05 – Quarta Feira -

06 – Quinta Feira - Recolecção de Advento – Clero da Vigararia do Ocidente – Madalena

07 – Sexta Feira - Noite de Comunidade preparada pelo Encontro Matrimonial na Igreja Matriz de Ponta Delgada

– Encontro Inicial do Movimento Encontro de Jovens Shalom (7-9) São Miguel

08 – Sábado - Festa no Santuário de N^a. S^a. da Conceição (7-8)

09 – Domingo - II Domingo do Advento

10 – Segunda Feira - Conselho de Pastoral Social – Angra Pastoral Familiar (Casais e Catequese) - CP Pio XII

11 – Terça Feira - Conselho Episcopal – Angra do Heroísmo

12 – Quarta Feira - Curso de Iniciação para Catequistas – Flores

13 – Quinta Feira -

14 – Sexta Feira - Encontro Inicial do Movimento Encontro de Jovens Shalom (14-16) Terceira

15 – Sábado -

16 – Domingo - III Domingo do Advento

17 – Segunda Feira -

18 – Terça Feira -

19 – Quarta Feira -

20 – Quinta Feira -

21 – Sexta Feira -

- 22 – Sábado -**
- 23 – Domingo -** IV Domingo do Advento
- 24 – Segunda Feira -**
- 25 – Terça Feira -** Solenidade do Natal do Senhor
- 26 – Quarta Feira -**
- 27 – Quinta Feira -**
- 28 – Sexta Feira -**
- 29 – Sábado -** Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
- 30 – Domingo -** Festa da Sagrada Família promovida pelo Encontro Matrimonial
- 31- Segunda Feira -**

– 2019 –

Janeiro

- 01 – Terça Feira -** Solenidade de Nossa Senhora Mãe de Deus e Dia Mundial da Paz
- 02 – Quarta Feira -**
- 03 – Quinta Feira -**
- 04 – Sexta Feira -**
- 05 – Sábado -** Celebração do Dia da Infância Missionária na Terceira – Ribeirinha
- 06 – Domingo -** Solenidade da Epifania
–Visita às Clarissas pelos Religiosos de São Miguel
- 07 – Segunda Feira -** Visita pastoral à Ouvidoria da Lagoa (7-17)
- 08 – Terça Feira -**
- 09 – Quarta Feira -** Encontro de Reitores dos Santuários Diocesanos – Vila Viçosa
- 10 – Quinta Feira -**
- 11 – Sexta Feira -**
- 12 – Sábado -**
- 13 – Domingo -** Festa do Batismo do Senhor
– Dia da Infância Missionária em São Miguel - Vila Franca do Campo

- 14 – Segunda Feira -**
15 – Terça Feira - Festa de Santo Amaro – em todas as ilhas
16 – Quarta Feira -
17 – Quinta Feira - Visita pastoral à Ouvidoria de Vila do Porto (18-22)
 – Ação de formação do Instituto Católico de Cultura/Ouvidoria de Ponta Delgada (17-19)
18 – Sexta Feira - Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos (18-25)
19 – Sábado -
20 – Domingo - Dia da Palavra de Deus
 – Festa de S. Sebastião na Matriz de Ponta Delgada
21 – Segunda Feira - Jornada Bíblica em São Miguel – Ribeira Grande (21- 25)
22 – Terça Feira -
23 – Quarta Feira -
24 – Quinta Feira -
25 – Sexta Feira - FDS Açores organizado pelo Encontro Matrimonial no Centro Pastoral Pio XII (25-27)
26 – Sábado - Encontro de Referentes da Pastoral da Cultura – Fátima
 – Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
27 – Domingo - Dia do Catequista na Terceira - Vila Nova
 – Retiro Espiritual e Assembleia Geral dos Romeiros na Escola Secundária da Ribeira Grande
 – Semana da Vida Consagrada (27-3)
28 - Segunda Feira - Retiro anual do Clero – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada (28 – 01)
 – Festa de São Tomás de Aquino – Seminário
29 – Terça Feira -
30 – Quarta Feira -
31 – Quinta Feira -

Fevereiro

- 01 – Sexta Feira -** Vigília de Oração dos Religiosos – Angra

- 02 – Sábado** - Dia do Consagrado na Vigararia Nascente – Igreja de N^a. S^a. de Fátima – Ponta Delgada
- 03 – Domingo** - Dia da Universidade Católica Portuguesa
- 04 – Segunda Feira** - Retiro anual do Clero – Angra (04 -08)
 – Curso de iniciação de Catequistas em Rabo de Peixe (04 -09)
- 05 – Terça Feira** -
- 06 – Quarta Feira** -
- 07 – Quinta Feira** -
- 08 – Sexta Feira** - Festa de São João de Deus (OHSJD)
- 09 – Sábado** -
- 10 – Domingo** - Celebração com o Cabido da Catedral – Angra
- 11 – Segunda Feira** - Festa de N^a. S^a. Lurdes - Angra (Sé)
 – Dia Mundial do Doente
- 12 – Terça Feira** - Visita Pastoral à Ouvidoria de Vila Franca do Campo (12 – 24)
 – Início do II semestre no Seminário
- 13 – Quarta Feira** -
- 14 – Quinta Feira** – Dia dos Namorados
- 15 – Sexta Feira** – Curso de Formação de Catequistas para a Adolescência no Centro Pastoral Pio XII (15-17)
- 16 – Sábado** - Conselho Nac. da Pastoral Familiar – Fátima
- 17 – Domingo** -
- 18 – Segunda Feira** - Aniversário natalício de D. João Lavrador (1956)
- 19 – Terça Feira** -
- 20 – Quarta Feira** -
- 21 – Quinta Feira** - Congresso Internacional «A Morte – Leituras da Humana Condição» – Guimarães (21-24)
- 22 – Sexta Feira** -
- 23 – Sábado** - Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
- 24 – Domingo** -

- 25- Segunda Feira -**
- 26 – Terça Feira -** Conselho Episcopal – Angra
- 27 – Quarta Feira -**
- 28 – Quinta Feira -**

Março

- 01 – Sexta Feira -** Recolecção da quaresma – Clero da Vigararia do Ocidente – Horta
- 02 – Sábado -**
- 03 – Domingo -**
- 04 – Segunda Feira -**
- 05 – Terça Feira -**
- 06 – Quarta Feira -** Início da Quaresma
 - Recolecção da quaresma – Clero da Vigararia do Centro – Seminário de Angra
- 07 – Quinta Feira -** Recolecção da quaresma – Clero da Vigararia Nascente – Centro Pastoral Pio XII – P. Delgada
- 08 – Sexta Feira -**
- 09 – Sábado -** Início das Romarias Quaresmais
- 10 – Domingo -** Recolecção da quaresma para Catequistas da Terceira – Casa da Saúde do Espírito Santo
 - Reflexão Quaresmal para os Religiosos da Vigararia Nascente na Casa de Saúde de Nossa Senhora da Conceição
- 11 – Segunda Feira -** Retiro do Episcopado (11- 15) - Fátima
- 12 – Terça Feira -** Dia da Disciplina de EMRC
- 13 – Quarta Feira -**
- 14 – Quinta Feira -**
- 15 – Sexta Feira -**
- 16 – Sábado -** Retiro do Movimento da Mensagem de Fátima em São Miguel – Água de Pau
 - Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII
- 17 – Domingo -** II Domingo da Quaresma
- 18 – Segunda Feira -**

- 19 – Terça Feira** - São José. Dia do Pai
– III Conferência no âmbito da comemoração dos 60 anos de elevação a Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo dos Milagres – Igreja de São José – Ponta Delgada
- 20 – Quarta Feira** - Jornadas de Teologia (20-22) – Seminário de Angra
- 21 – Quinta Feira** -
- 22 – Sexta Feira** -
- 23 – Sábado** - Visita Pastoral à Ouvidoria de Ponta Delgada (23/3 – 12/4)
- 24 – Domingo** - Dia da Cáritas
– «24 Horas para o Senhor»
- 25 – Segunda Feira** - Anunciação do Senhor.
– Aniversário da fundação das Irmãs MRSCJ – Terceira e S. Jorge
– Festa de Acies – Legião de Maria
- 26 – Terça Feira** -
- 27 – Quarta Feira** -
- 28 – Quinta Feira** -
- 29 – Sexta Feira** -
- 30 – Sábado** -
- 31 – Domingo** - IV Domingo da Quaresma

Abril

- 01 – Segunda Feira** -
- 02 – Terça Feira** -
- 03 – Quarta Feira** -
- 04 – Quinta Feira** -
- 05 – Sexta Feira** -
- 06 – Sábado** - Romaria Escolar
- 07 – Domingo** - Dia Diocesano do Doente
- 08 – Segunda Feira** -
- 09 – Terça Feira** -
- 10 – Quarta Feira** -

- 11 – Quinta Feira** - Feriado Municipal da Lagoa
- 12 – Sexta Feira** -
- 13 – Sábado** - Noite de Comunidade de preparação para a Páscoa organizada pelo Encontro Matrimonial no Santuário do Senhor Santo Cristo
- 14 – Domingo** - Celebração dos Ramos. Jornada Mundial da Juventude
- 15 – Segunda Feira** - Celebração da renovação das promessas sacerdotais – Clero da Vigararia do Nascente – Matriz de Ponta Delgada
- 16 – Terça Feira** - Celebração da renovação das promessas sacerdotais – Clero da Vigararia do Ocidente – Matriz da Horta
- 17 – Quarta Feira** - Celebração crismal e renovação das promessas sacerdotais – Clero da Vigararia do Centro – Sé de Angra
– Jubileus sacerdotais diocesanos – Angra (Sé)
- 18 – Quinta Feira** - Ceia do Senhor
– Termo das Romarias
- 19 – Sexta Feira** - Paixão do Senhor
– Via Sacra organizada pelo Encontro Matrimonial na Matriz de Ponta Delgada
- 20 – Sábado** - Vigília Pascal
- 21 – Domingo** - Páscoa da Ressurreição
- 22- Segunda Feira** - 60º Aniversário de elevação a Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo dos Milagres da Igreja de Nossa Senhora da Esperança
- 23 – Terça Feira** - Festa de São Jorge – Feriado Municipal das Velas
- 24 – Quarta Feira** - Acantonamento de Páscoa do Pré Seminário (24-25)
– Festa de S. Bento Menni – IHSCJ – Terceira e S. Miguel

- 25 – Quinta Feira** – Festa de São Marcos
- 26 – Sexta Feira** -
- 27 – Sábado** - FDS Linguagens do Amor – Encontro Matrimonial - Centro Pastoral Pio XII (27-28) Ponta Delgada
- 28 – Domingo** -
- 29- Segunda Feira** - CEP (29 -02) – Fátima
- 30 – Terça Feira** -

Maio

- 01 – Quarta Feira** -
- 02 – Quinta Feira** -
- 03 – Sexta Feira** -
- 04 – Sábado** - FDS Viver na diferença – Encontro Matrimonial – Centro Pastoral Pio XII (4-5)
- 05 – Domingo** - Dia da Mãe
 - Dia do Romeiro – Paróquia da Relva
 - Semana de Oração pelas Vocações
- 06 – Segunda Feira** - Conselho Episcopal – Angra
- 07 – Terça Feira** - Conselho Presbiteral (07-09) – Angra
- 08 – Quarta Feira** - Colégio de Consultores – Angra
- 09 – Quinta Feira** - Conferência de Ouvidores – Angra
- 10 – Sexta Feira** - Encontro dos Serviços de Pastoral – Angra
- 11 – Sábado** - Vigília de oração pelas Vocações – S. Miguel e Terceira
- 12 – Domingo** - Dia Mundial de oração pelas Vocações
Ministério do Acolitado – Terceira
 - Início da Semana da Vida (12-19) – Ação a realizar na Paróquia dos Ginetes pela Pastoral Familiar
- 13 – Segunda Feira** - Festas de N^a. S^a. de Fátima
- 14 – Terça Feira** -
- 15 – Quarta Feira** - Visita Pastoral à Ouvidoria de Ponta Delgada (15-22)
 - Dia Internacional da Família

- 16 – Quinta Feira -**
- 17 – Sexta Feira -**
- 18 – Sábado -**
- 19 – Domingo -** Peregrinação Nacional do Movimento Encontro Matrimonial em Fátima (19-20)
- 20 – Segunda Feira -**
- 21 – Terça Feira -**
- 22 – Quarta Feira -** Solenidade do Beato João Baptista Machado
- 23 – Quinta Feira -** Santa Rita de Cássia – em todas as ilhas
- 24 – Sexta Feira -** Festas do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada (24 a 27)
- 25 – Sábado -** Encontro do Pré Seminário no Santuário do Senhor Santo Cristo
- 26 – Domingo -** Assembleia Regional da CIRP – Angra
- 27 – Segunda Feira -** Feriado Municipal de Ponta Delgada
- 28 – Terça Feira -**
- 29 – Quarta Feira -**
- 30 – Quinta Feira -**
- 31 – Sexta Feira -**

Junho

- 01 – Sábado -** Celebração da Confirmação – Graciosa (1-2)
– Jornadas da Pastoral da Cultura – Fátima
- 02 – Domingo -** Ascensão do Senhor
– Dia Mundial das Comunicações Sociais
- 03 – Segunda Feira -** Encontro Ibérico das Comunicações Sociais (3-5)
- 04 – Terça Feira -**
- 05 – Quarta Feira -**
- 06 – Quinta Feira -**
- 07 – Sexta Feira -** Jornada da Pastoral Social – Ponta Delgada
- 08 – Sábado -**
- 09 – Domingo -** Pentecostes. Sacramento da Confirmação - Sé
– Dia do Apostolado dos Leigos

10 – Segunda Feira - Dia da Região Autónoma dos Açores e de Portugal

– Passeio-Convívio dos Religiosos da Vigararia Nascente

11 – Terça Feira -

12 – Quarta Feira -

13 – Quinta Feira - Santo António

– Conselho Episcopal – Angra

14 – Sexta Feira -

15 – Sábado -

16 – Domingo - Santíssima Trindade

17 – Segunda Feira - Colóquio: O culto a Santo Cristo na sua imagem (17-19) – Ponta Delgada

18 – Terça Feira -

19 – Quarta Feira - Encerramento do ano lectivo no Seminário – Angra

– IV Conferência organizado pelo Santuário do Senhor Santo Cristo - Ribeira Grande.

20 – Quinta Feira - Solenidade do Corpo de Deus. Angra e Povoação - Feriado municipal no Corvo

21 – Sexta Feira - Feriado Municipal na Povoação

– Celebração da Confirmação – São Jorge (21-23)

22 – Sábado - Conselho Nac. da Pastoral Familiar – Fátima

23 – Domingo -

24- Segunda Feira - São João Baptista (Feriado em Angra, Vila Franca, Santa Cruz das Flores, Horta e Vila do Porto)

25 – Terça Feira -

26 – Quarta Feira -

27 – Quinta Feira -

28 – Sexta Feira - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

29 – Sábado - São Pedro e São Paulo - Feriado na Ribeira Grande e Lajes do Pico

– Encontro do Pré Seminário no CP Pio XII

– Aniversário da Ordenação Episcopal de D. João Lavrador (2008)

30 – Domingo - Ordenações de presbíteros

– Aniversário da Ordenação Episcopal de D. António Sousa Braga (1996)

Julho

01 – Segunda Feira -

02 – Terça Feira -

03 – Quarta Feira -

04 – Quinta Feira -

05 – Sexta Feira -

06 – Sábado -

07 – Domingo -

08 – Segunda Feira -

09 – Terça Feira -

10 – Quarta Feira -

11 – Quinta Feira -

12 – Sexta Feira -

13 – Sábado -

14 – Domingo -

15- Segunda Feira -

16 – Terça Feira - Festas de Nossa Senhora do Carmo

17 – Quarta Feira - Acampamento do Pré Seminário (17-18)

18 – Quinta Feira - Feriado Municipal no Nordeste

19 – Sexta Feira - V Conferência no âmbito dos 60 anos do Santuário do Senhor Santo Cristo – Ponta Delgada

20 – Sábado -

21 – Domingo -

22- Segunda Feira - Santa Maria Madalena. Madalena, Pico

23 – Terça Feira -

24 – Quarta Feira -

25 – Quinta Feira -

26 – Sexta Feira - Santa Ana e São Joaquim - Dia dos Avós

- 27 – Sábado -**
- 28 – Domingo -**
- 29 – Segunda Feira -**
- 30 – Terça Feira -**
- 31 – Quarta Feira -**

Agosto

- 01 – Quinta Feira -**
- 02 – Sexta Feira -**
- 03 – Sábado -**
- 04 – Domingo -**
- 05 – Segunda Feira -** Festas do Senhor Bom Jesus no Pico (5-7)
- 06 – Terça Feira -** Transfiguração do Senhor – Titular da Catedral de São Salvador – Angra
- 07 – Quarta Feira -**
- 08 – Quinta Feira -**
- 09 – Sexta Feira -**
- 10 – Sábado -** Dia das Migrações (10-11)
 - Peregrinação Nacional dos Migrantes – Fátima
- 11 – Domingo -** Feriado Municipal da Praia da Vitória
- 12 – Segunda Feira -**
- 13 – Terça Feira -**
- 14 – Quarta Feira -**
- 15 – Quinta Feira -** Festas de N^a. S^a. da Assunção – todas as ilhas
- 16 – Sexta Feira -** Feriado Municipal de São Roque – Pico
- 17 – Sábado -**
- 18 – Domingo -**
- 19 – Segunda Feira -**
- 20 – Terça Feira -**
- 21 – Quarta Feira -**
- 22 – Quinta Feira -**
- 23 – Sexta Feira -**

24 – Sábado -

25 – Domingo - Missa por alma dos bispos diocesanos falecidos

26- Segunda Feira -

27 – Terça Feira -

28 – Quarta Feira -

29 – Quinta Feira -

30 – Sexta Feira -

31 – Sábado -

Conselho Presbiteral (2018)

A 43ª sessão plenária do Conselho Presbiteral da Diocese de Angra decorreu entre os dias 24 e 26 do mês de Abril de 2018, no Palácio de Santa Catarina, em Angra do Heroísmo. Esta Assembleia, presidida pelo Bispo Diocesano, Senhor D. João Evangelista Pimentel Lavrador, contou com 12 membros em função do cargo, 18 membros eleitos e um membro convidado.

O Prelado Diocesano começou por acentuar a natureza deste Conselho, enquanto órgão privilegiado de comunhão presbiteral, na participação e na corresponsabilidade. Recordou os sacerdotes falecidos no último ano e deu a conhecer o estado daqueles que se encontram em situação de fragilidade.

Procedeu-se à eleição do Secretariado Permanente deste Conselho para o próximo quinquénio e foi realizada uma consulta para a nomeação do Colégio de Consultores.

O Conselho refletiu acerca do Instrumento de Trabalho na sua generalidade, referente aos temas abaixo indicados:

PASTORAL SOCIAL. Acentuou-se a necessidade de formação, proximidade às situações concretas e coordenação das várias ações através do Serviço Diocesano da Pastoral Social, que deverá envolver as instituições públicas, procurando dinamizar as estruturas e projetos existentes. Valorizou-se o Conselho de Pastoral Social como plataforma de diálogo e de programação conjunta no domínio da ação da Igreja nesta área. Por sua vez, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz deverá ter uma função essencial na denúncia das situações e nos modelos de intervenção. Trata-se de um desafio permanente e prioritário, particularmente junto dos mais fragilizados, que se deve traduzir em ações concretas.

PASTORAL DOS JOVENS. O Conselho refletiu acerca das dificuldades sentidas neste sector e a necessidade de inte-

gração dos jovens nas comunidades cristãs, através da coordenação de todos os agentes e serviços pastorais juvenis. Há que aproveitar as diversas iniciativas, processos e eventos de modo a promover uma pastoral consolidada, nomeadamente o Primeiro Congresso Diocesano, o Sínodo dos Bispos para a Juventude e a Exortação Pós-Sinodal, dos quais deverão surgir um itinerário e plano da pastoral dos jovens.

FORMAÇÃO BÁSICA DO POVO DE DEUS. O Conselho sente-se corresponsabilizado com o Vigário da Formação que, com a sua equipa já formada, deverá coordenar uma formação sistemática e planificada com os Serviços Diocesanos, com as Vigararias Territoriais, com o Instituto Católico de Cultura, a qual se estenderá ao âmbito de Ouvidoria, através da implementação da Escola de Formação Cristã da Ouvidoria.

O Conselho faz eco da mais recente Exortação do Papa Francisco, que nos faz crescer como presbitério: "Move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos que se dedicam a anunciar e servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesidora" (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, 138).

Angra do Heroísmo, 26 de Abril de 2018

Conselho Pastoral Diocesano (2018)

O Conselho Pastoral Diocesano, constituído por leigos, religiosos, diáconos e presbíteros de todas as ilhas dos Açores, reuniu em Ponta Delgada, de 8 a 10 de junho do ano 2018, em décima terceira Assembleia Plenária, sob a presidência do Bispo Diocesano, D. João Lavrador, tendo como temas de reflexão os seguintes:

Pastoral Social.

Pastoral dos Jovens.

Formação Básica do Povo de Deus na Diocese.

I. Os trabalhos iniciaram-se com a intervenção do Bispo Diocesano, que realçou que a vida Pastoral da Igreja tem de ser feita e vivida por todos. Há uma reflexão importante dos leigos que tem que ser ouvida e atendida, dado que estamos numa Igreja Ministerial em que todos contamos. Lembrou, ainda, que o Conselho Pastoral Diocesano é um órgão de expressão, da comunhão da Igreja, que é ativa e missionária, porque é motivada pelo Espírito e por isso, deve estar pronta para atuar através de cada um dos nossos ambientes.

II. Tendo em conta as sínteses dos diversos setores e locais da Diocese e a reflexão dos membros do Conselho, realçou-se:

No domínio da Pastoral Social, o biénio dedicado a este tema, que em alguns locais ficou pela sensibilização e noutros, conseguiu-se dar passos efetivos no sentido da sua implementação. Durante este biénio foi lançado o inquérito às paróquias, por Ouvidoria, sobre as necessidades sociais e as respostas existentes para fazer face às mesmas. Concretizou-se, também, o diálogo entre os Serviços Diocesanos para a Pastoral Social e as entidades do Governo dos Açores para

este setor, sendo criado, ainda, o Conselho Pastoral Social.

A transversalidade da Pastoral Social deve refletir-se em toda a ação pastoral da Igreja, privilegiando a assistência, o acompanhamento das situações e das pessoas, a promoção humana e a autonomização.

Na linha de preparação do próximo Sínodo dos Bispos sobre "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional", a Pastoral dos Jovens será marcada pelo Congresso Diocesano da Juventude, sob o lema "Para uma Igreja+", numa lógica de "9 ilhas, mas uma única Igreja" pois "os jovens não são um problema: são um desafio". Entre as linhas propostas para a Pastoral da Juventude estão a proximidade, a atenção, a escuta, a interação, o conhecimento nos contextos reais, deixar-se provocar pelas questões/dilemas/dificuldades dos jovens. Nos passos a dar, propõe-se: formação de animadores; criação de grupos de Jovens, na medida das possibilidades; valorização da catequese da adolescência tendo em vista a Pastoral Juvenil; aposta na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, na Pastoral Universitária, no voluntariado jovem e nas novas tecnologias, como instrumentos de aproximação e evangelização.

As respostas da Diocese à Formação do Povo de Deus passam pela Vigararia para a Formação, tendo em conta o Instituto Católico de Cultura, que dinamizarão a Escola de Formação Cristã das Ouvidorias. A resposta às necessidades específicas de cada Ouvidoria/Paróquia, pela Vigararia da Formação, deve passar pela preparação de um Plano Formativo com um itinerário abrangente, fruto da junção de esforços, a transmitir com o apoio das novas tecnologias de informação e comunicação, a partir das realidades humanas e das reais necessidades das Ouvidorias em matéria de formação.

III. O Santo Padre declarou o mês de outubro de 2019 como "Mês Missionário Extraordinário" e a Conferência Episcopal Portuguesa propôs um Ano Missionário, a partir de outubro de

2018, sob o lema "Todos, tudo e sempre em Missão" durante o qual todos os cristãos são convidados a fazer a experiência de missão.

O Senhor D. João apelou a uma mobilização da Diocese, nos seus Movimentos, Serviços, Comunidades e Pastores, no sentido de criar condições para que as pessoas se animem, para se formarem em ordem a um compromisso cristão na Igreja e no mundo.

O Conselho Pastoral Diocesano, encerrando os seus trabalhos, saúda todas as comunidades cristãs nos seus Conselhos Pastorais de Paróquia e Ouvidoria e todos os que trabalham pelo Povo de Deus.

Ponta Delgada, 10 de junho de 2018

O Conselho Pastoral Diocesano

Vigararia Episcopal para a Formação (2018)

A Equipa da Vigararia Episcopal para a Formação reuniu-se na Casa Episcopal a 14 de Junho de 2018 para delinear o itinerário formativo diocesano. Não se trata de um itinerário extenso nem para vários anos. Destina-se meramente ao próximo ano pastoral. As conclusões foram as seguintes:

1. Durante o próximo ano Pastoral, tendo em conta a temática do Plano Pastoral Diocesano: “Uma comunidade evangelizada em comunhão missionária”, é ponto assente que, serão tratados três grandes temas através dos Conselhos Pastorais de Paróquia, Zona e Ouvidoria de modo a criar uma maior consciência de Igreja enquanto Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Pretende-se criar a consciência de uma comunidade que se evangeliza formando-se, para dar razões da sua esperança hoje. Trata-se também de uma comunidade em comunhão organizada numa formação para a missão.

2. Os três temas, destinados a serem aprofundados no próximo Ano Pastoral, estão a ser preparados pelo Vigário Episcopal para a Formação e serão inseridos nas Orientações Diocesanas de Pastoral para facilitar a sua divulgação.

2.1. Nas paróquias: Trabalhar e responder aos três temas que vêm para os Conselhos Pastorais Paroquiais, bem como trabalhar e responder à temática e questionário que chegarem aos Conselhos Presbiteral e Pastoral.

2.2 Ao nível das Ouvidorias: Lançamento da formação cristã nas Ouvidorias.

Como foi pedido e votado no Conselho Presbiteral e pedido no Conselho Pastoral, realizados este ano, devem ser criadas as Escolas de Formação Cristã em cada Ouvidoria, para que em cada ilha se possa Integrar o que já vem de trás na formação e coordenar o que se faça de novo no próximo

ano pastoral, com o apoio dos Vigários Episcopais territoriais, dos Ouvidores, do Instituto Católico de Cultura e dos Serviços Diocesanos de Apoio à Pastoral, sob a coordenação do Vigário Episcopal para a Formação

Ligar as respostas dos temas dos Conselhos Pastorais Paroquiais com as reuniões do Conselho Pastoral de Ouvidoria sobre os três temas e sobre o assunto do Conselho Pastoral Diocesano.

Acompanhar os que no território da Ouvidoria venham a fazer o curso à distância, sobre o Concílio Vaticano II ministrado pela Universidade Católica Portuguesa com a Diocese (Instituto Católico de Cultura).

2.3. Ao nível das Vigararias Territoriais:

Acompanhar e ajudar a coordenar nas Ouvidorias das Vigararias Territoriais, as acções que venham a ser feitas.

2.4. Os movimentos diocesanos laicais deverão comunicar as actividades que pretendam realizar aos respectivos Vigários Episcopais territoriais.

3. Nas Ouvidorias (Ao nível presbiteral):

3.1. Trabalhar os oito temas sacerdotais que nas zonas pastorais e nas Ouvidorias serão estudados.

3.2. Trabalhar e por em comum em Ouvidoria a temática dos Conselhos Presbiteral e Pastoral para o próximo ano.

4. Promotores dos Serviços de Apoio à Formação:

4.1. Os Serviços de Apoio à Pastoral Diocesana (Pelos pedidos dos que os solicitarem).

4.2. O Instituto Católico de Cultura no apoio que der nos Cursos de Apoio à distância e a consulta de elementos informativos e recursos formativos fornecidos pelo Site do Instituto.

4.3. O Seminário Diocesano, pelas Jornadas Teológicas anuais e pelo apoio que dá no que lhe é pedido diretamente ou nas intervenções através da colaboração do ICC.

4.4. Os Serviços promotores de jornadas de formação.

Estarmos atentos às instituições e serviços que realizem jornadas tais como: Seminário, Serviço da Comunicação Social, Serviço de apoio à Cultura e Instituto Católico de Cultura.

5. O Conselho Pastoral e o Conselho Presbiteral deverão ter em conta na sua preparação a linha de inspiração da temática deste ano pastoral em ordem à eventual realização de um Sínodo Diocesano.

6. Tudo será acompanhado e coordenado pela Vigararia para a Formação para o Povo de Deus com a colaboração da Equipa da Vigararia Episcopal para a formação.

Angra do Heroísmo, 14 de Junho de 2018

A Equipa da Vigararia Episcopal da Formação

Congresso Diocesano dos Jovens (2018)

Com alegria, entusiasmo, sentido de Igreja e em comunhão, imbuídos pelo espírito do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, reunimo-nos em São Miguel, de 28 de Junho a 1 de Julho de 2018, como jovens da Diocese de Angra naquele que foi o seu I Congresso Diocesano de Juventude.

"Por uma Igreja +", foi o desafio lançado para a vivência e reflexão deste Congresso que pretendeu escutar-nos, pensar connosco, para nos levar a um compromisso em Igreja.

Juntos, vivemos este I Congresso Diocesano de Juventude como um encontro feliz de jovens de toda a Diocese onde pudemos partilhar ideias, alegria, sonhos e projectos e fazer a experiência da unidade da nossa Igreja.

A nossa reflexão destacou como prioridades e focos de especial atenção: a Família, a Espiritualidade, Grupo de Jovens, Redes Sociais e a Escola.

À família pedimos:

1. Maior acompanhamento no nosso percurso humano e espiritual;
2. Momentos de reflexão em família e para a família;
3. Participação na Eucaristia.

À Igreja:

1. Mentalidade mais aberta
2. Liberdade e criatividade de participação
3. Compreensão das realidades juvenis
4. Maior investimento nos Grupos de Jovens
5. Espiritualidade
6. Proximidade
7. Aplicação das siglas "PPP" – Participação - Protagonismo - Paciência e "PDA" – Proximidade - Diálogo - Acção.

Aos Padres:

1. Maior envolvimento, proximidade e presença
2. Maior disponibilidade, abertura e acolhimento sem julgamento

Assim, propomos:

À Diocese:

- a) Maior representatividade e responsabilização dos jovens nas diversas instâncias da Diocese
- b) Encontro Diocesanos Regulares
- c) Festivais música/artes
- d) Formação de líderes e animadores de Pastoral Juvenil
- 3) Aposta no desporto, cultura, artes e natureza;
- f) Apostar e preparar agentes para um acompanhamento afectivo e efectivo aos jovens (padres, religiosos e leigos, com espaços e horas)

Às Ouvidorias:

- a) Criação do "Dia C" (Dia de "Cristo") - levar Jesus à rua)
- b) Retiro e eventos de espiritualidade
- c) Intercâmbios entre Grupos de Jovens
- d) Peregrinações
- e) Maior representatividade e responsabilização dos jovens nas diversas instâncias das Paróquias
- e) Promover encontros intergeracionais

Da análise das propostas apresentadas, provenientes tanto da fase do "escutar os jovens" (Questionário) como na do "pensar com os jovens" (reflexões do Congresso), emergiram dimensões centrais que nos permitem concluir que para termos uma melhor Pastoral Juvenil na nossa Diocese a IGREJA deverá SER+:

Aberta; Acolhedora; Ajustada aos jovens; Cativante; Inclu-

siva; Ouvinte; Próxima e Disponível.

Saudamos com alegria toda a nossa Igreja Diocesana, à qual confiamos estes nossos desafios e sonhos: junto queremos ser +.

Abraçamos com ternura todos os jovens açorianos, em particular os jovens que buscam o sentido da vida, aqueles que vivem qualquer tipo de exclusão e sofrimento ou que por qualquer motivo se ausentaram da Comunidade, a quem dirigimos uma mensagem de confiança e esperança, contando com todos par, juntos, dazermos desta nossa Igreja uma Igreja mais activa, mais alegre, mais jovem e aberta à missão: uma Igreja + é aquela onde todos são importantes e necessários, e onde os carismas se convertem em serviço.

Tal como o Pe. Nuno Fidalgo, cuja Ordenação Sacerdotal ocorreu em pleno Congresso, sentimos a intrpelação a uma vida de entrega, através de um "Sim" generoso que nos coloque disponíveis a Jesus e à sua Igreja.

Em comunhão com o nosso Pastor, Dom João, confiamos o nosso ser jovem e Igreja à intercessão de Maria, Mãe e Rainh dos Açores, Mãe dos Jovens, e à inspiração do Espírito Santo de Deus.

Ponta Delgada, 01 de Julho de 2018

Para a Formação do Povo de Deus

Apresentação

Após os Conselhos Presbiteral e Pastoral, a Equipa da Vigararia Episcopal para a Formação do Povo de Deus, reuniu-se no passado dia 14 de Junho, para delinear o itinerário formativo para o ano pastoral 2018/2019. Tendo em conta a temática do Plano Pastoral Diocesano: «Uma comunidade evangelizada em comunhão missionária», ficou assente que serão tratados três grandes temas através dos Conselhos Pastorais de Paróquia, Zona e Ouvidoria, de modo a criar uma maior consciência de Igreja, enquanto Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.

Fiquei encarregado de organizar as reflexões sobre estes três temas conciliares, fornecendo três esquemas que podem ser tratados nas reuniões dos Conselhos Pastorais de Paróquia e de Ouvidoria, sempre com a colaboração dos párocos e ouvidores, ajudando assim à formação dos nossos leigos no sentido de conhecerem e realizarem a sua missão na Igreja e no mundo. Poderá ser também oportunidade para o lançamento das tão desejadas Escolas de Formação Cristã de Ouvidoria, abrindo os encontros a todos os que desejarem participar.

A pastoral que realizamos nas nossas comunidades depende do modelo de Igreja, que pastores e fiéis leigos possuem da mesma. Ora o modelo da Igreja para o nosso tempo, foi o modelo que o Concílio Vaticano II nos legou. O Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-65), considerado o maior acontecimento da Igreja Católica no século XX, foi, na expressão do teólogo alemão Karl Rahner, um «Concílio da Igreja sobre a Igreja», Já, na primeira sessão, o Cardeal Suenens, propôs a revisão de todos os esquemas apresentados pela Comissão Preparatória do Concílio, em função de dois polos: a Igreja ad intra, isto é, a sua natureza, a sua constituição, os seus mem-

bro e a Igreja ad extra, isto é, frente aos grandes problemas que preocupam o mundo actual, como sejam: a justiça social, a paz, o respeito pela vida, a evangelização dos povos, etc. Assim, o Concílio vai desenvolver-se à volta de dois grandes polos: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, nas quais a Igreja procura reflectir, à luz de Cristo, o Verbo Encarnado, sobre a sua identidade e sobre a sua missão.

A Constituição *Lumen Gentium*, a partir da qual vamos elaborar os três esquemas de reflexão para este novo ano pastoral, torna-se como que o grande tronco do Concílio e representa, no campo da eclesiologia, uma autêntica «revolução». Surge um novo modo de ser e de compreender a Igreja. A consciencialização da Igreja como mistério ligado ao mistério de Cristo e não como sociedade perfeita, deu um novo rumo e apontou caminhos interessantes que, infelizmente, não foram explorados ao longo destes mais de cinquenta anos. Há muito a ser feito. Temos muito trabalho pela frente. Oxalá a simplicidade deste trabalho, juntamente com a ajuda do Instituto Católico de Cultura que fornecerá, em parceria com a Universidade Católica Portuguesa, um Curso à distância sobre o Concílio Vaticano II, ajudem a criar nas nossas paróquias, Ouidorias e zonas uma vontade decidida de formação de todo o Povo de Deus, em ordem à missão, tão necessária no nosso tempo e na nossa Igreja local.

O Vigário Episcopal para a Formação

P. Ângelo Valadão

Tema 1

A Igreja, Povo de Deus

Este 1.º tema deve ser tratado durante a 1ª parte do Ano Pastoral pela incidência que tem com o Ano Litúrgico, sobretudo a preparação do Advento e do Natal. As profecias messiânicas que alimentaram a esperança do Antigo Povo de Deus, cumprem-se com a vinda de Jesus e porque o Mistério da Encarnação é o início da Igreja o Novo Povo de Deus.

Introdução

Desde a revelação neotestamentária até ao século IV, a Igreja foi denominada o «Novo Povo de Deus». No entanto, a teologia posterior relegou esta noção para segundo plano. Dizer «Povo de Deus» consiste em apresentar a Igreja como povo peregrino através da história rumo à meta final, acentuando assim uma nota importantíssima da Igreja que é a sua «historicidade».

A noção de «Povo de Deus», colhida na Sagrada Escritura e na Patrística foi-se aprofundando e esclarecendo nas últimas décadas antes do Concílio Vaticano II. Muitos teólogos, quer católicos, quer evangélicos estiveram empenhados nesta tarefa de investigação. Na corrente da eclesiologia católica destacamos dois nomes que participaram na preparação e realização do Concílio: o dominicano Yves Congar e o jesuíta Henri de Lubac.

Congar procurou fazer a passagem de uma «Teologia da Contra Reforma», que se desenvolvera a partir do século XVI, para uma teologia em que a noção de Igreja fosse mais dinâmica e histórica. Para ele, o Povo de Deus é, na expressão de S. Paulo, o «Israel de Deus» (Gl 6, 16) ou o que diz o profeta Oseias: «Eu a farei para mim, uma terra bem semeada, terei compaixão de Lô-Ruhamá e direi Lô-Ami: tu és o Meu Povo e ele me responderá: Tu és o meu Deus» (Os 2, 25). Oseias utilizará a metáfora de casamento ou aliança de vida e fide-

dade entre Deus e o seu Povo, que já o livro do Êxodo repete várias vezes: «Eles serão o Meu povo e Eu serei o seu Deus». S. Pedro transfere esta declaração para os baptizados: «Vós, porém, sois geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus, a fim de proclamardes as maravilhas daquele que vos chamou das trevas à Sua luz admirável, vós, que outrora não éreis o Seu povo, mas que agora sois o povo de Deus» (1 Pe 2, 9-10). Assim, o conceito de «Povo de Deus», presta-se admiravelmente para ver a Igreja como continuação da Assembleia de Deus (Kaal Yavé) do Antigo Testamento, realizada plenamente no «Novo povo de Deus», renascido da Cruz e da Ressurreição de Jesus Cristo.: «A Kaal Yavé do Antigo Testamento é conduzida por Deus no curso da História da Salvação até ao seu pleno cumprimento na Nova Aliança. O nascimento do Novo Povo de Deus é fruto da plenitude da acção salvífica de Deus em Cristo. É o Povo de aquisição em virtude da obra redentora de Cristo» (Mystere de L'Eglise – Y.Congar).

Para Congar, a condição histórica deste Povo, no seu itinerário pelo mundo, comporta três grandes valores: **1.** Caminha em direcção a uma meta. Esta meta é o Reino de Deus, na sua plenitude final, que nos deve animar a viver a esperança comprometida na transformação do mundo, segundo o plano de Deus. **2.** Esta peregrinação do Povo de Deus pelos caminhos dos homens, confere à Igreja a característica de ser «santa», pelo seu princípio transcendente, mas ao mesmo tempo «pecadora», porque submetida a todas as vicissitudes do mundo. **3.** Este Povo deve viver no mundo para servi-lo. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* encarregou-se de expressar este espírito do Vaticano II, entendendo o mundo como o teatro da acção humana nas investigações científicas, na cultura, no compromisso com a justiça social, o desenvolvimento e a paz (Cf Y Congar, *Le Concile de Vatican II*, 114-116).

Embora fazendo uma analogia entre o Antigo e o Novo

Povo de Deus, Congar afirma a superioridade do Novo Povo, em virtude do conteúdo salvífico e sobrenatural da Igreja, como «Corpo de Cristo». Este conceito teológico é essencial para exprimir a «condição cristã do Povo de Deus»: «As promessas do A.T, foram cumpridas em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem que quer que o Povo de Deus se constitua como Corpo de Cristo. Quer que se entre no Corpo de Cristo pelo Espírito de Cristo (1ª Cor 12, 13), (Y. Congar, Le Concile de Vatican II, 120-121).

O Teólogo francês Henri de Lubac contribuiu consideravelmente para a renovação da teologia, no século XX. Embora não sendo um especialista em questões eclesiológicas, como Congar, o tema da Igreja está presente em todos os seus livros. Na sua obra «O Catolicismo. Os aspectos sociais do Dogma», publicado em 1938, H. de Lubac elabora uma teologia dos aspectos sociais e históricos do cristianismo, onde existem frequentes alusões à noção de Povo de Deus. À ideia muito difundida de «salvação individual» contrapõe os aspectos sociais da salvação, aos quais está intimamente ligada a noção de Povo de Deus, como poderemos ver no capítulo II da *Lumen Gentium*, nº9. Na linha da Patrística, de quem foi fiel investigador. H. de Lubac vê os acontecimentos da História da Salvação do Antigo Testamento como uma prefiguração, uma tipologia do Novo Povo de Deus: «A *Lumen Gentium* ao propor a imagem bíblica de Povo de Deus, sublinha o enraizamento da noção de Igreja no Antigo Testamento. Nos Padres, esta ideia desenvolve-se nas relações entre o Antigo e o Novo testamento. Para eles, a Igreja é o Novo Israel, o Novo Povo de Deus. A *Lumen Gentium* vai procurar esta mesma relação. Não faz mais do que recordar sempre que as realidades antigas são transfiguradas no Espírito de Cristo» (cf M. Pelchat, *L'Eglise Mystere de Communion*, 281 – comentários às obras de H. de Lubac).

Esta introdução pode-nos ajudar na compreensão dos capítulos I e II da Lumen Gentium, onde a noção bíblica de Povo de Deus reclama para ser «Povo Cristão», o complemento de «Corpo de Cristo» e «Templo do Espírito Santo», porque a Igreja é, na afirmação de S.Cipriano de Cartago, citada no nº 4 da Lumen Gentium: «um povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo».

A Igreja, «Povo de Deus», na Constituição Dogmática Lumen Gentium

O capítulo I da LG introduz-nos no «mistério da Igreja». O conceito teológico de mistério (mystêrion) na sua acepção bíblica e patristica é retomado pelo Concílio, como o desígnio de Deus escondido desde toda a eternidade e, na plenitude dos tempos revelado em Jesus Cristo, que é a salvação de toda a humanidade. Este mistério realizou-se de uma vez para sempre com a Páscoa de Jesus e o Dom do Espírito Santo e torna-se presente na Igreja que, por sua vez, é a continuação no tempo e no espaço do Mistério que é Cristo.

Nos números 2 a 4, do capítulo I, denominado «o Mistério da Igreja», a Constituição Dogmática coloca a origem da Igreja no Mistério Trinitário. A Igreja está no desígnio universal de salvação do Eterno Pai (LG, 2), realiza-se na missão redentora do Filho Jesus Cristo (LG 3) e é santificada pelo Espírito Santo (LG 4).

Para uma maior compreensão do mistério da Igreja, o nº 6 da LG recorre a várias imagens bíblicas, destacando-se a de «Corpo de Cristo», à qual é consagrado todo o nº 7 e a de «Povo de Deus» que ocupará todo o capítulo II da referida Constituição Conciliar.

O nº 8 que encerra o capítulo I é como que um espaço de transição e relaciona todo este capítulo, sobretudo o nº 7, com

os capítulos seguintes, que tratam respectivamente do «Povo de Deus» (capítulo II), da «Constituição Hierárquica da Igreja» (capítulo III) e dos «Leigos» (capítulo IV). Enquanto o capítulo I considera o corpo eclesial a partir do mistério trinitário, isto é, a dimensão invisível e sobrenatural da Igreja, o segundo apresenta o seu desenvolvimento histórico, a sua dimensão visível e social. No entanto, estas duas dimensões da Igreja não se opõem, nem se dissociam: «Cristo, mediador único, estabelece e sustenta continuamente a sua Igreja sobre a terra, como um todo visível, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde a todos a verdade e a graça. Porém, a sociedade organizada hierarquicamente e o Corpo Místico de Cristo, o agrupamento visível e comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja ornada com dons celestes não se devem considerar como duas entidades, mas como uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino» (LG 8).

Por isso, o Concílio procurou fazer uma analogia entre o Mistério da Encarnação e a união da dimensão visível e invisível da Igreja, que não se devem considerar duas entidades: «A Igreja apresenta por esta razão uma grande analogia com o mistério do Verbo Encarnado. Pois, assim como a natureza humana serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolivelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do Corpo» (LG 8).

O capítulo II da LG considerado por muitos como o melhor e mais inovador de todo o documento conciliar sobre a Igreja, procura fazer no nº 9 a caracterização de «Povo de Deus», enraizada na longa história veterotestamentária: «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que o teme e pratica a justiça. No entanto, aprovou a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluída qualquer

ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que o conhecesse na verdade e o servisse na santidade. Foi por isso que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente manifestando-se a si mesmo e os desígnios da sua vontade na história desse povo e santificando-o para si. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo (...) Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no Seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito» (LG 9).

Vejam algumas das características deste Povo, a partir da leitura completa do nº 9 da LG, ajudada pelo Catecismo da Igreja Católica nº 782:

- É o Povo de Deus que Ele adquiriu para si.

- Vem-se a ser membro deste Povo, não pelo nascimento físico, mas pelo nascimento «da água e do Espírito», isto é pela fé em Cristo e pelo Baptismo.

- Este Povo tem por Cabeça Jesus Cristo o Ungido, o Messias: porque a mesma unção, o Espírito Santo, flui da Cabeça por todo o Corpo, este é o «Povo Messiânico».

- A condição deste Povo é a dignidade da liberdade dos filhos de Deus: nos seus corações, como num templo, habita o Espírito Santo.

- A sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou.

- A sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo.

- O seu destino, finalmente, é o Reino de Deus, o qual, começa na terra pelo próprio Deus, se deve dilatar cada vez mais, até ser também por Ele consumado no fim dos séculos.

Este «Povo de Deus» actualiza as três funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Deste modo o Povo de Deus é também sacerdotal, profético e real. Ao entrar no Povo de Deus pela fé e pelo Baptismo, participa-se na vocação única deste povo: na

sua vocação sacerdotal: «Cristo Senhor, sumo-sacerdote escolhido de entre os homens, fez do povo novo um reino de sacerdotes para o Seu Deus e Pai. Na verdade, pela regeneração e a unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para serem uma casa espiritual, sacerdócio santo» (LG 10).

Depois de fazer uma distinção na sua essência e não apenas em grau, entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, embora ordenados um para o outro, pois ambos participam do sacerdócio único de Cristo, o nº 11 da LG apresenta o exercício do sacerdócio do Povo de Deus nos sete sacramentos e na prática das virtudes.

No nº 12 a LG apresenta a função profética do Povo de Deus: «O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo». Sobretudo pelo sentido sobrenatural da fé, que é o de todo o povo, leigos e hierarquia, quando este «adere indefectivelmente à fé confiada aos santos uma vez por todas» e, aprofundando o conhecimento da mesma, se torna testemunha de Cristo no meio deste mundo».

Finalmente, o Povo de Deus participa na função real de Cristo. Jesus Cristo exerce a sua realza atraindo a si todos os homens pela sua morte e ressurreição. Cristo Rei e Senhor do universo, fez-se servo de todos, pois não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate pela multidão. Para o cristão «reinar é servir» (LG 36) em especial nos «pobres e nos que sofrem, nos quais a Igreja reconhece a imagem do seu Fundador pobre e sofredor» (LG 8). O Povo de Deus realiza a sua «dignidade real», na medida em que viver de acordo com esta vocação de servir com Cristo.

- A necessidade da Igreja para a salvação é afirmada, mas ultrapassando fórmulas demasiado absolutas ou exclusivistas: «Não se poderão salvar aqueles que, não ignorando a Igreja católica, fundada por Deus, por meio de Jesus Cristo, como necessária, contudo ou não querem entrar nela ou nela não querem perseverar» (LG 14).

- A Igreja Católica tem apreço pelos valores autenticamente cristãos dos batizados não-católicos. Apreço que é alargado aos seguidores de outras religiões não cristãs e mesmo aos ateus «que não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça por levar uma vida recta»(LG 16).

- O nº 17 da LG apresenta a vocação missionária de todo o Povo de Deus, de toda a Igreja que «recebeu dos Apóstolos este mandato solene de Cristo de anunciar a verdade e a salvação e de a levar até aos confins da terra» (LG 17).

Teologia pós conciliar de Bruno Forte – «eclesiologia de comunhão»

O teólogo italiano Bruno Forte, no seu livro «A Igreja da Trindade» (1996), apresenta uma eclesiologia de comunhão, com uma dimensão profundamente trinitária: «A Igreja vem da Trindade, caminha para Ela e está estruturada à sua imagem. Tudo o que o Concílio disse da Igreja pode compendiar-se nesta memória da origem, da forma e do destino trinitário da comunhão eclesial» (A Igreja da Trindade – Ensaio sobre o Mistério da Igreja comunhão e missão, Bruno Forte, Salamanca 1996, 80).

Ele desenvolve, a partir do mistério trinitário, os três conceitos eclesiológicos que estão presentes na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, isto é, a Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.

Povo de Deus – a Igreja do Pai (cf LG 2)

A Igreja, Povo de Deus foi querida pelo Pai e, por isso foi prefigurada desde o princípio do mundo, preparada pela história do Povo de Israel e constituída na plenitude dos tempos pelas missões do Filho e do Espírito Santo:

«A Igreja é de Deus, porque o sentido da sua existência é celebrar na história a glória do Pai, conduzindo até Ele o universo inteiro. Por tudo isto a Igreja é o Povo de Deus convocado pelo seu chamamento, constituído graças à aliança com Ele e destinada à visão do seu rosto» (Ibidem, 83).

Conclusão

A imagem de Povo de Deus aplicada à Igreja pelo Concílio, foi sem dúvida uma grande novidade. Fruto do trabalho da investigação teológica, das últimas décadas antes do Concílio, a noção de Povo de Deus, foi buscar à Sagrada Escritura e aos Padres da Igreja o seu fundamento teológico.

Com esta noção, a Igreja pode readquirir a imagem dos primeiros séculos, que não fora negada, mas relegada para segundo plano, sobretudo a partir do século XVI com a teologia da Contra Reforma, que acentuava uma «Igreja hierarquiológica» (expressão de Y Congar), piramidal.

A imagem e a noção de Povo de Deus, aplicada à Igreja é fundamental para a compreensão da sua historicidade, do seu enraizamento no Antigo Israel e da novidade trazida pelo Mistério de Cristo Redentor, que faz da Igreja um «Novo Povo», no qual há uma dignidade comum que nos é dada pelo Baptismo, uma vocação comum à santidade e uma responsabilidade comum na construção do Reino de Deus.

Numa palavra, é fundamental para definir e apresentar a verdadeira Igreja de Jesus Cristo em que não há lugar para individualismos. Só em comunidade somos Igreja. Como afirmava S. Cipriano, «um cristão só, não é cristão»

Propostas para reflexão

1. Achamos que esta imagem e noção da Igreja como «Povo de Deus», quando bem assimilada e vivida, vai modificar a vida das nossas comunidades cristãs? Em quê?

2. Numa Igreja ainda profundamente clerical, como a dos Açores, o que podemos fazer para que ela seja mais «Povo de Deus»? Em que pode mudar a nossa pastoral?

3. Como estamos a viver a nossa função sacerdotal, profética e real como Povo de Deus, em Igreja?

4. Estamos dispostos a colaborar uns com os outros na construção da Igreja Povo de Deus, deixando de parte o individualismo e os «grupinhos» ou «capelinhas», que tanto prejudicam as nossas comunidades?

Tema 2

A Igreja, Corpo de Cristo

O tempo litúrgico da Quaresma e proximidade do Tríduo Pascal é indicado para nos conduzir melhor nesta reflexão. A Quaresma é o tempo forte da preparação espiritual para a celebração do Mistério Pascal de Cristo, do qual brota a Igreja como seu Corpo Místico. Não podemos esquecer que foi do «lado do Senhor, aberto na cruz» que nasceu a Igreja, como Sua Esposa e foi da «água e do sangue», que jorraram daquela ferida aberta, que nasceram os dois sacramentos constitutivos da Igreja: o Batismo e a Eucaristia.

Introdução

A imagem de «Corpo de Cristo», aplicada à Igreja é exclusivamente neotestamentária e paulina. A Tradição Patrística teve em conta a importância desta imagem e utilizou-a com frequência, bem como os grandes autores da Escolástica da Alta Idade Média, entre os quais S. Tomás de Aquino. No entanto, ela foi relegada para segundo plano durante vários séculos, em que se deu mais atenção à dimensão visível e institucional da Igreja. No entanto, esta noção teológico eclesial de «Corpo de Cristo» que teve a sua síntese na Encíclica *Mystici Corporis* do Papa Pio XII (1943), esteve na base da renovação da Eclesiologia nas primeiras décadas do século XX e abriu para a reflexão de outros conceitos complementares aplicados à Igreja, como o de «Povo de Deus», «Mistério», «Sacramento de Cristo», que encontrarão no magistério do Vaticano II, sobretudo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a sua plena integração

A noção eclesiológica de «Corpo Místico de Cristo» na *Lumen Gentium*

Vamos deter-nos na análise do Capítulo I da LG (o Mistério da Igreja) e no nº 7, exclusivamente dedicado a esta imagem da Igreja, constitutiva da sua própria natureza. Este número

contém oito parágrafos, que desenvolvem os seguintes pontos doutrinários:

Pelo Espírito Santo, o Ressuscitado faz dos cristãos membros do Seu Corpo Místico.

O «Corpo Místico de Cristo» é o resultado da graça da redenção que nos foi dada pelo Mistério Pascal de Cristo. O Filho de Deus ao encarnar, incorpora a Si toda a humanidade e vencendo a morte pela sua ressurreição, faz do homem «uma nova criatura» (Gl 6, 15): «O Filho de Deus vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte com a sua morte e ressurreição, remiu o homem transformou-o em nova criatura. Pois, comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo» (LG 7).

Pelos Sacramentos, de uma forma especial pelo Baptismo e pela Eucaristia, ficamos ligados misticamente a Cristo – Cabeça da Igreja.

É no seio da Igreja – Sacramento, que os Sacramentos significam e realizam a comunidade única do Corpo de Cristo, porque fazem com que os fiéis participem da sua morte e ressurreição: «É nesse Corpo que a vida de Cristo se difunde nos que creem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos Sacramentos, a Cristo padecente e glorioso» (LG 7)

No entanto, esta participação e assimilação dos fiéis ao Corpo de Cristo, torna-se mais evidente pelo Baptismo: «Pelo Baptismo somos assimilados a Cristo: todos fomos baptizados no mesmo Espírito para formarmos um só Corpo (1ª Cor 12,13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo: fomos sepultados, pois com Ele, por meio do Baptismo na morte (Rm 6, 4); se, porém, nos tornamos com Ele, um mesmo ser por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também (Rm 6, 4-5)» (LG 7).

O outro Sacramento que nos liga intimamente a Cristo é a

Eucaristia, que, tal como o Baptismo, são os dois sacramentos pascais, por excelência: «Ao participar realmente do Corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos de um único pão (1 Cor 10, 17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo, sendo individualmente membros uns dos outros (Rm 12, 5)» (LG 7).

Para além de nos unir a Cristo, a Eucaristia eleva-nos também à comunhão uns com os outros. Assim, ela é um sinal realizador da unidade eclesial. Sem Eucaristia não há comunidade de vida com Cristo e com os irmãos. Para Henri de Lubac, a Eucaristia é o «coração da Igreja», porque só ela pode fazer com que o corpo eclesial se torne e se mantenha na realidade o Corpo de Cristo: «Se a Igreja é, por conseguinte, a plenitude de Cristo, Cristo na sua Eucaristia é verdadeiramente o coração da Igreja» (H.de Lubac, *Meditation sur L'Eglise*, 137). Para o mesmo teólogo, a relação entre a Igreja e a Eucaristia exerce-se numa causalidade recíproca: «É a Igreja que faz a Eucaristia, mas também é a Eucaristia que faz a Igreja. No primeiro caso, trata-se da Igreja, no sentido activo, no exercício do seu poder de santificação; no segundo caso, trata-se da Igreja no sentido passivo, da Igreja dos santificados» (Ibidem 113).

Os membros do Corpo Místico de Cristo, apesar de numerosos, constituem em Cristo um só corpo

O Apóstolo Paulo apresenta-nos de uma forma admirável uma analogia entre o corpo humano e o Corpo de Cristo, como podemos ler em 1 Cor 12, 1-30. Da doutrina exposta em todo o capítulo podemos fazer esta síntese: como o corpo tem diversos membros, com funções diferentes, embora todos contribuam para o bem do mesmo corpo, assim também o Espírito Santo, que anima o Corpo de Cristo, distribui dons dife-

rentes, pelos diversos membros do Corpo, em ordem a serviços (ministérios) diferentes, para a edificação do único Corpo de Cristo: «Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja» (LG 7).

Cristo é a Cabeça do Seu Corpo Místico

Este e os restantes parágrafos do nº 7 da LG descrevem os princípios transcendentais que unem e animam o Corpo Místico e lhe comunicam a sua dignidade sobrenatural. Como afirma Y. Congar: «o Corpo é o que é, porque ele é de Cristo» (Le Concile de Vatican II, 158).

Segundo o Apóstolo Paulo, Cristo é a Cabeça do Corpo Místico, porque é a «imagem de Deus invisível», o «primogénito de toda a criação, para o Qual tudo foi criado» (cf Cl 1, 15-18). Porque para além de reinar sobre todo o universo, «enche o Seu Corpo com as riquezas da Sua glória» (cf Ef 1, 18-23). Daqui que os últimos quatro parágrafos do nº 7 da LG são a apresentação dos frutos sobrenaturais que dimanam destas razões, pelas quais Cristo exerce no seu Corpo a *gratia capitis* (graça capital).

Conforma os membros do Corpo com a Cabeça

Segundo a expressão de Paulo, Cristo é «formado» nos seus fiéis (Gl 4, 19). Esta formação ou conformação dos membros com a Cabeça realiza-se mediante a «morte para o pecado e a ressurreição com Ele para uma vida nova», vivendo a esperança no meio das tribulações, que fazem parte da peregrinação neste mundo até atingirmos a meta, isto é, sermos glorificados com Ele: «Todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles. Por isso, somos assumidos nos mistérios da sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele. Ainda peregrinos na terra, seguindo as suas pegadas na tribulação e na perse-

guição, associamo-nos aos seus sofrimentos como o corpo à cabeça, sofrendo com Ele, para com Ele sermos glorificados» (LG 7).

Faz crescer o Seu Corpo

O Apóstolo Paulo afirma na sua carta aos Efésios 4, 11-16 que os dons em ordem aos ministérios, que alimentam o crescimento e realizam a coesão do Corpo Místico de Cristo, dependem da Cabeça: «Cristo distribui continuamente no Seu Corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais, graças ao seu poder, nos prestamos mutuamente serviços em ordem à salvação, de maneira que, professando a verdade na caridade, crescamos em tudo para Aquele que é a nossa Cabeça» (LG 7).

Este crescimento do Corpo é obra do Espírito Santo

Segundo a revelação bíblica, o Espírito Santo que habita na Cabeça e nos membros é quem vivifica, une e dirige o «Corpo Místico de Cristo». Ele é, por analogia com o nosso princípio vital, a «alma da Igreja»: «Para que sem cessar nos renovemos n'Ele, deu-nos o Seu Espírito, o qual sendo um e o mesmo na Cabeça e nos membros, unifica e move o Corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a sua acção à que o princípio vital, ou alma, desempenha no corpo humano» (LG 7).

A Igreja é também a «Esposa de Cristo», que Ele ama como o seu próprio Corpo

Este último parágrafo do nº 7 da Lumen Gentium é como que a conclusão das várias imagens bíblicas que o Concílio aplica à Igreja, ao longo do nº 6 e está profundamente ligada à de Corpo de Cristo esplanada em todo o nº 7. É também o Apóstolo Paulo que aplica à Cabeça da Igreja o título de «Esposo», que ama a «Sua Esposa», como o Seu próprio Corpo (Ef 5, 23-30): «Cristo ama a Igreja como esposa, fazendo-se

modelo do homem que ama a sua mulher, como o próprio corpo; e a Igreja, por sua vez, é sujeita à sua Cabeça. (...) Ele enche a Igreja, que é o Seu Corpo e plenitude, com os dons divinos, para que ela se dilate e alcance a plenitude de Deus» (LG 7).

Teologia pós conciliar de Bruno Forte: a «Eclesiologia de Comunhão»

Tal como no primeiro tema: A «Igreja, Povo de Deus», era denominada pelo teólogo italiano Bruno Forte como «Igreja do Pai» assim também, a «Igreja, Corpo de Cristo» é denominada «Igreja do Filho».

Corpo de Cristo – a Igreja do Filho (LG 3)

Para este teólogo, a Igreja do Filho é o «Corpo de Cristo», que tem a sua origem na última Ceia em que Jesus institui a Eucaristia, como um acto manifestativo das suas intenções a respeito da Igreja e a sua constituição apostólica: «A última Ceia apresenta-se como o acto fontal da Igreja, memória actualizada da Nova e definitiva Aliança que reúne o Israel dos últimos tempos. Isto explica como a Ceia do Senhor (cf 1 Cor 11, 20) apareceu tão depressa como o centro do culto da comunidade cristã (...) Ao partir do pão (Act 2, 42-46) a Igreja nascente faz memória do seu Senhor em obediência ao seu mandato, expressa-se na comunhão com Ele e na comunhão fraterna como um único Corpo, produzido pelo único pão (cf 1 Cor 10, 17) e orienta-se para Ele esperando a sua vinda (cf 1 Cor 11, 26)» (Bruno Forte, A Igreja da Trindade, 128). Ele relaciona este acontecimento com a constituição apostólica da Igreja. O Senhor confia aos Doze, o mandato de celebrar a Ceia como dirigentes da comunidade messiânica: «fazei-o em memória de Mim». No mesmo contexto, confia a Simão Pedro a tarefa de «fortalecer os irmãos». Assim, a Igreja da qual faz parte integrante o ministério apostólico confiado aos Doze

e a Pedro, nascendo da Eucaristia instituída na última Ceia, pode definir-se como «comunidade eucarística», que quer significar a comunhão que deve existir entre o Novo Povo de Deus e o Ressuscitado, bem como a comunhão fraterna entre todos os membros que «comem o seu Corpo» e «bebem o Seu Sangue». Esta união íntima na comunhão com o Senhor e os irmãos constitui a essência da Igreja, que S. Paulo chama: «Corpo de Cristo».

Conclusão

Este segundo tema, a «Igreja, Corpo de Cristo», imagem que pertence à própria natureza da Igreja, revela-nos a sua dimensão invisível, sobrenatural e que complementa a dimensão visível e social da Igreja como «Povo de Deus». Estes dois conceitos teológicos que tiveram a sua consagração no Concílio Vaticano II, trazem grandes consequências pastorais para a vida das nossas comunidades cristãs, se as quisermos pôr em prática, como pastores e fiéis leigos.

Destaquemos algumas:

- O sacerdócio comum e a corresponsabilidade de todos os membros do «Corpo Místico de Cristo».
- O apelo à santidade e à configuração de todos os membros do Corpo com a sua Cabeça, que é Cristo.
- A centralidade da Eucaristia na vida da Igreja. Por ela nos unimos intimamente a Cristo e aos irmãos. Na Ceia Eucarística, a Igreja revela-se verdadeiramente como «Corpo de Cristo».

Propostas para reflexão

1. Damos importância a esta dimensão invisível e sobrenatural da Igreja como «Corpo de Cristo», do qual Ele é a cabeça e nós os membros? Como manifestamos isso nas nossas vidas?

2. Sentimo-nos corresponsáveis no crescimento deste Corpo, pondo a render as nossas qualidades, ao serviço da Igreja local, na qual está presente o «Corpo Místico de Cristo»?

3. Como são as nossas celebrações eucarísticas? São momentos fortes de comunhão com Cristo e com os irmãos?

4. Temos espírito de comunhão com Cristo e uns com os outros, ou estamos divididos?

Tema 3

A Igreja, Templo do Espírito Santo

O tempo litúrgico da Páscoa é, sem dúvida, o mais indicado para a reflexão deste tema, dado que o tempo pascal é, por excelência, o tempo do Espírito Santo, como dom de Jesus ressuscitado e coroamento do

Mistério Pascal

Introdução

Este tema constitui, com o do «Corpo de Cristo», a dimensão espiritual, invisível, sobrenatural da Igreja, que é a mais importante. Se assim não fosse a Igreja era uma sociedade como as outras. Há uma profunda relação entre os três temas eclesiológicos que estamos a tratar. A imagem da Igreja como «Povo de Deus» é complementada pelas de «Corpo de Cristo» e «Templo do Espírito Santo». Por isso, há uma grande interligação entre o nº 4 e o nº 7 da Lumen Gentium que nos falam da missão santificadora do Espírito Santo (nº 4) e do Corpo Místico de Cristo (nº 7) e com o capítulo II sobre o Povo de Deus, sobretudo o nº 12 que fala dos carismas, isto é, dos dons que o Espírito Santo concede a alguns para benefício de todos.

A Igreja, «Templo do Espírito Santo», na Lumen Gentium

Pela leitura do nº 4 da Lumen Gentium, é impossível falar da consumação da obra de Cristo sem mencionar a missão do Espírito Santo. Ele é o «enviado» e, por isso, todas as suas funções são entendidas como uma missão que Ele recebe do Pai e do Filho: «Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco (...) o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo

o que Eu vos disse» (Jo 14, 16.26).

O Espírito Santo que Jesus promete enviar, após a sua partida para o Pai, manifesta-se visivelmente no dia de Pentecostes, no qual a Igreja inicia a sua missão no mundo: «consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito» (LG 4).

A missão principal do Espírito é a santificação da Igreja. O texto conciliar exprime essa santificação, aplicando ao Espírito Santo, os textos de Jo 4, 14; 7, 38-39 sobre o Espírito de Vida, que como «fonte de água viva jorra para a vida eterna. Ele é também o Espírito Vivificador, isto é, Aquele que «dá a vida aos que estão mortos pelo pecado» (Rm 8, 11). O Espírito «habita em nós, como num templo» (1 Cor 3, 16; 6, 19), ora dentro de nós e dá testemunho da nossa filiação divina» (cf Gl 4, 6; Rm 8, 15-16. 26). O nº 4 da LG destaca ainda a função do Espírito em «unificar» e «assistir infalivelmente à Igreja» para que ela guarde o depósito da revelação que Cristo lhe confiou: «A Igreja que Ele conduz à verdade total e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos» (LG 4). Finalmente o Concílio atribui ao Espírito Santo a «perenidade sempre jovem» da Igreja: «Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o Seu esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem!» (LG 4).

Teologia pós conciliar de Bruno Forte - «Eclesiologia de comunhão»

Na perspectiva teológico-trinitária da eclesiologia, que é característica de Bruno Forte, o «Povo de Deus», presente desde sempre no desígnio do Pai, constituído como «Corpo de Cristo», pela obra redentora do Filho é a Igreja «Templo do Espírito Santo» (1 Cor 6, 19).

«Templo do Espírito Santo» - A Igreja do Espírito Santo LG 4

Bruno Forte desenvolve o tema da «eclesiologia de comunhão», como acção ampla e profunda do Espírito Santo na Igreja, que Ele unifica na comunhão e no serviço, sustém no tempo e a renova e santifica com os seus dons. O Espírito Santo é que faz a comunhão com a vida divina, tornando-nos participantes da vida de Deus, que se manifestou no Filho e se exprime na comunhão dos crentes entre si.

A eclesiologia do Evangelho de S. João, que influencia profundamente a teologia de B. Forte, apresenta a Igreja como «comunidade fraterna» que tem a sua origem na «comunhão com Deus». A relação vital do discípulo com Cristo é significada na alegoria da videira (Jo 15, 1ss). O evangelista João vê a fraternidade cristã como fruto directo da comunhão com a vida divina, realizada mediante o encontro com o Senhor Jesus, que nos configura com Ele. Ora esta comunhão com Cristo, que se expressa na comunhão com os irmãos só pode realizar-se com a presença e acção do Espírito Santo: «O vínculo permanente, graças ao qual a vida do Mestre se prolonga na vida dos discípulos é constituído pelo Espírito» (B. Forte, *A Igreja da Trindade*, 164). Assim, os dois aspectos da Koinonia (comunhão) – a participação na vida de Deus e a vida fraterna – são inseparáveis e reclamam-se mutuamente. A igreja primitiva já tem essa consciência quando nos relata a vida fraterna dos primeiros cristãos decorrente da assiduidade à «fracção do pão e às orações» (Act 2, 42). Este sumário aparece logo após o acontecimento pentecostal em que o Espírito lança a Igreja para o mundo, para que ela seja o «sacramento» da sua acção, a manifestação visível e o resultado da sua presença eficaz no Novo povo de Deus (cf B. Forte, *A Igreja da Trindade*, 169).

Finalmente, B. Forte atribui a «comunhão dos santos», à acção do Espírito que santifica a Igreja. A Igreja é santa, por-

que está em comunhão com o Espírito Santificador, com os «dons santos», com os «santos» que ainda peregrinam neste mundo e com os que «já atingiram a meta». Para o teólogo italiano, o lugar onde a Igreja experimenta particularmente a «comunhão dos santos» no tempo e na eternidade é na oração litúrgica: «A Igreja, comunhão dos santos, encontra na liturgia a sua mais elevada expressão e a fonte sempre nova onde se regenera na verdade e na paz da sua mais profunda identidade apostólica de nação santa, de povo escolhido para ser sinal entre os povos, já que, orando em Deus, experimenta a presença vivificante do Espírito que clama em nós: Abba Pai! E que, mediante Cristo nos une ao Pai e entre nós, na comunhão do tempo e da eternidade» (Ibidem, 200) .

Conclusão

Toda a comunhão com Cristo e em Cristo na Igreja opera-se e aprofunda-se sob o influxo do Espírito Santo. Enviado do alto, une os membros do Corpo de Cristo entre si e com a sua Cabeça, e permanece neles de tal modo – como a alma que anima o corpo – que os torna seu «próprio templo». O Espírito que desce e permanece sobre os fiéis é o Espírito do Senhor que lhes comunica a vida e a santidade do Filho, introduzindo-os na relação única de Jesus com o Pai. Isto é a santidade. Muitos ainda olham para a santidade como própria de super-heróis, logo de poucos. Pelo contrário, ela é a realidade universal a que são chamados todos os filhos da Igreja. A recente Exortação Apostólica do Papa Francisco: «Gaudete et exultate . Alegrai-vos e exultai», afirma precisamente esta verdade.

Outra dimensão expressiva da condição da Igreja como «Templo do Espírito Santo, unida às outras duas anteriores: «Povo de Deus» e «Corpo de Cristo» é a existência no seu seio da multiplicidade de carismas. Estes dons, umas vezes

manifestos de forma extraordinária, a maior parte das vezes de forma simples e humildes, são graças do Espírito Santo com uma utilidade eclesial, mais directa ou indirecta, «ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo».

No horizonte da santidade e comunhão os serviços e funções assumidas não brotam da iniciativa de cada um. São sempre expressão de um dom discernido à luz do Espírito. Carregam por isso um apelo e um envio, uma vocação e uma missão, que só nesta perspectiva podem ser assumidos e vividos.

Propostas para reflexão

1. Apesar da devoção que nós açorianos dedicamos à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, já descobrimos a importância da presença do Espírito Santo na vida da Igreja?

2. Como vivemos o espírito de «comunhão» que é sinal da presença do Espírito Santo nas nossas vidas?

3. Para nós o que é ser santo?

4. Procuramos ser fiéis ao Espírito Santo, pondo a render os dons (carismas) que Ele nos concede para benefício dos outros, do mundo e da Igreja?

Formação permanente dos presbíteros

A "formação permanente" invoca a ideia de que a experiência unitária de discipulado daqueles chamados ao sacerdócio jamais se interrompe. O sacerdote, não somente "aprende a conhecer Cristo", mas, sob a acção do Espírito Santo, ele encontra-se inserido no interior de um processo de gradual e contínua configuração a Jesus, no seu ser e no seu agir, que constitui um permanente desafio ao crescimento interior da pessoa.

Importa alimentar de maneira constante a "chama" que dá luz e calor ao exercício do ministério, recordando que a "alma e forma da formação permanente do sacerdote é a caridade pastoral".

A formação permanente destina-se a assegurar a fidelidade ao ministério sacerdotal, num caminho de contínua conversão, para reavivar o dom recebido com a ordenação. Tal percurso é a continuação natural daquele processo de construção da identidade presbiteral que teve início no Seminário e se cumpriu sacramentalmente na ordenação sacerdotal, com vista a um serviço pastoral que a faz amadurecer ao longo do tempo.

Temas para os encontros

I - Em comunhão com Cristo

II - Comunhão na corresponsabilidade

III- Unidade de missão e diversidade de ministérios

IV - A experiência da própria fraqueza

V - Humildade e obediência

VI - Atração do poder e da riqueza

VII - Desafio do celibato e dedicação total ao ministério

VIII - Fraternidade sacerdotal

CALENDÁRIO 2018 / 2019

SETEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

OUTUBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	F	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			
30						

NOVEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

DEZEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						F
2	3	4	5	6	7	F
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	N	26	27	28	29
30	31					

JANEIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
		F	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	19	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	E	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

ABRIL						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	F	20
P	22	23	24	25	26	27
28	29	30				
30						

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
				F	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	F	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

JULHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

AGOSTO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	F	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Coordenação:
Vigário Geral da Diocese de Angra

Paginação e Design:
União Gráfica Angrense Unipessoal, Lda.

3.500 exemplares
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Julho 2018